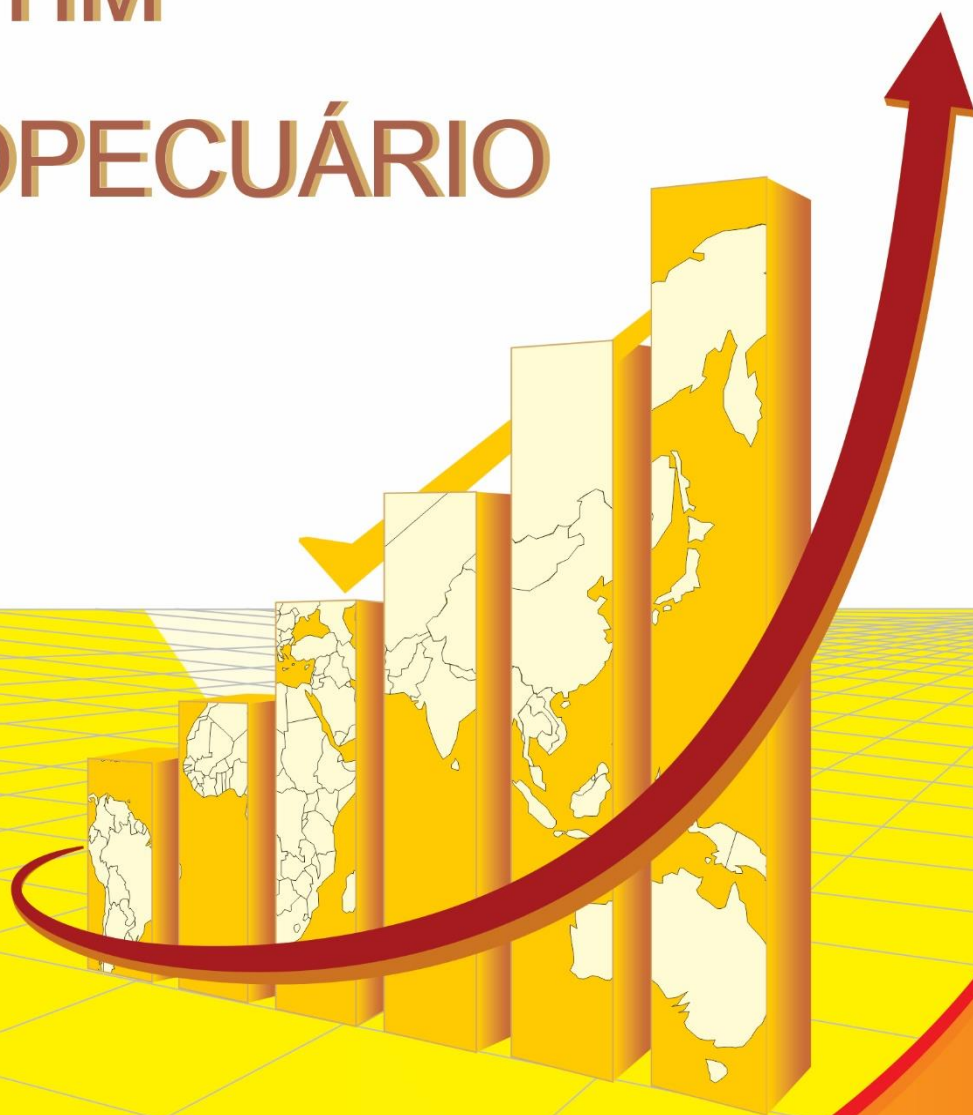


BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governadora interina do Estado
Daniela Cristina Reinehr

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Ricardo de Gouvêa

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação



ISSN: 0100-8986 (impresso)
ISSN: 2674-9521 (on-line)

DOCUMENTOS Nº 330

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Felipe Jochims
Glaucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2020

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5000
Site: www.epagri.sc.gov.br
E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078
Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>
E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Revisão técnica: Léo Teobaldo Kroth/Dilvan Luiz Ferrari – Epagri/Cepa

Colaboração:

Andressa Mariani Bee – Caçador (UGT 10)
Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)
Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)
Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa
Orlando Fuchs – São Miguel do Oeste (UGT 9)
Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)
Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)
Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)
João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)
Maurício E. Mafra – Ceasa/SC
Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)
Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)
Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Edição: novembro de 2020 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. **Boletim Agropecuário.** Novembro/2020.
Florianópolis, 2020, 54p. (Epagri. Documentos, 330).

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019
passou a integrar a série Documentos com numeração própria.

Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (*on-line*)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

Sumário

Fruticultura	7
Maçã	7
Grãos	10
Arroz	10
Feijão	13
Milho.....	16
Milho – Silagem	22
Soja	25
Trigo.....	29
Hortaliças	32
Alho.....	32
Cebola	35
Pecuária	37
Avicultura.....	37
Bovinocultura	42
Suinocultura.....	46
Leite	52

Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.sc

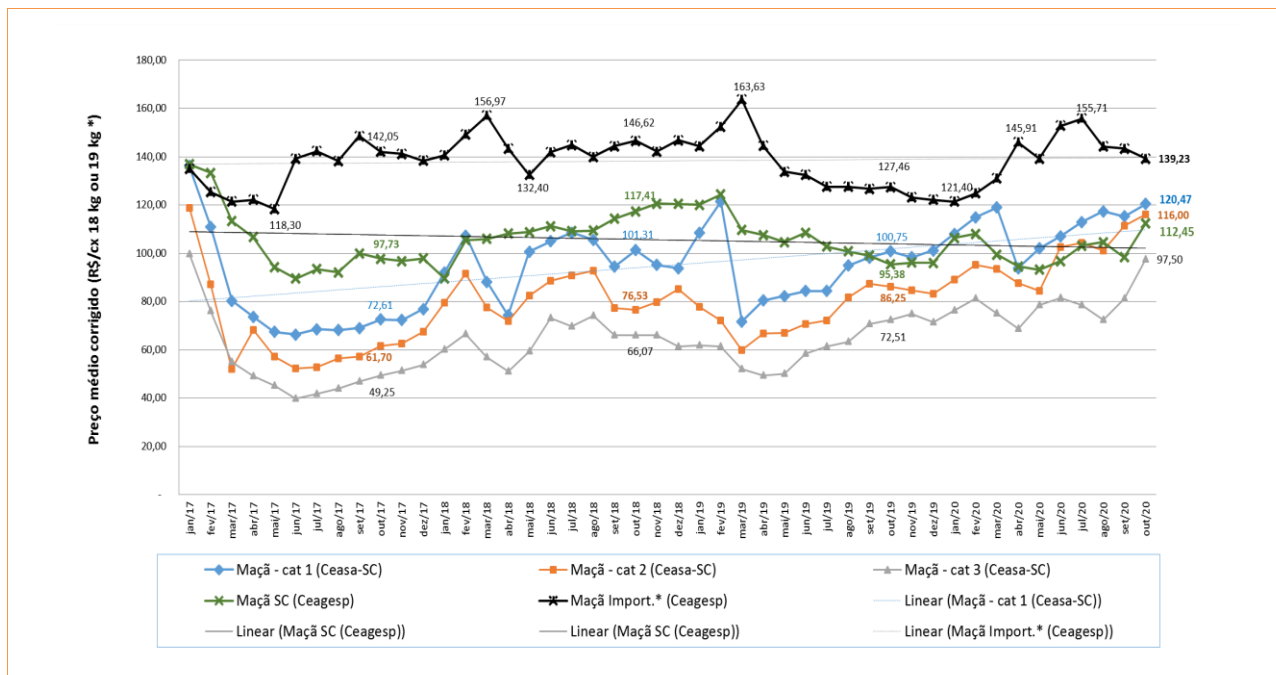


Figura 1. Maçã - evolução do preço médio mensal no atacado

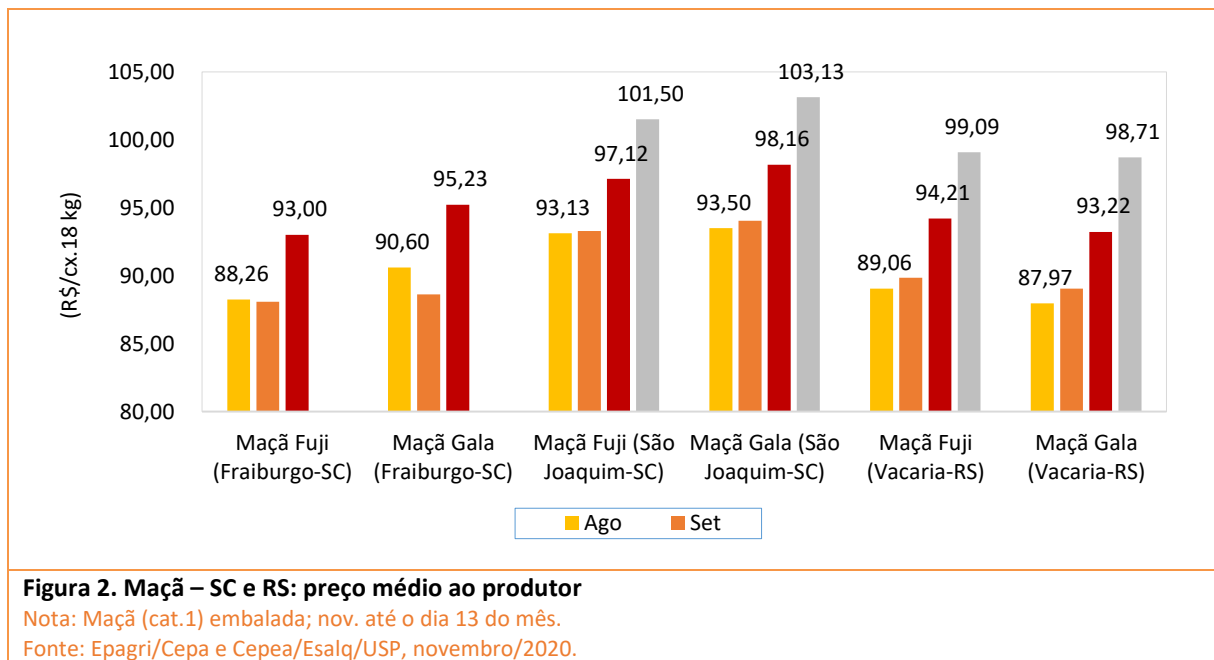
(¹)Cat. 1, 2 e 3 = classificação vegetal para maçã referente à Instrução Normativa n.5 de 2006 do MAPA.

Nota: preço corrigido pelo IGP-DI (out/20=100)

Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp, novembro/2020.

Na Ceasa/SC, entre setembro e outubro houve valorização mensal de 4,48% nos preços da maçã categoria 1, com as cotações de setembro e outubro 17,4% e 19,6% mais valorizadas que mesmos meses do ano anterior. Em outubro, as cotações das categorias 2 e 3 representaram 96% e 81% do valor da fruta da cat. 1. A partir de agosto, as frutas cat. 3 seguiram valorizadas, com comercialização de maçãs armazenadas em atmosfera controlada. Em relação aos últimos três anos, com preços corrigidos, a maçã cat. 3 apresentou a sua maior cotação no mês de outubro, com valorização de 34,5% no comparativo com 2019, 47,6% com 2018 e 98% acima dos valores para o mês em 2017. A expectativa é a manutenção de preços valorizados no atacado com o encerramento dos estoques das empresas e cooperativas classificadoras e distribuidoras, o que deve ocorrer antes do final do ano.

Na Ceagesp, entre setembro e outubro os preços da maçã catarinense valorizaram 14,29%, com recuperação da redução mensal de 5,9% ocorrida entre agosto e setembro de 2020. Em relação ao ano anterior, a maçã de origem catarinense recuperou as cotações, com valorização de 17,95%. Mas, as maçãs importadas, que estão 9,2% valorizadas na comparação com outubro de 2019, seguem com desvalorização de 2,88% entre setembro e outubro de 2020, mas com a baixa oferta nacional, devem competir com a fruta nacional, que apresenta preços em alta.



Na região de Fraiburgo, os estoques de maçãs Fuji e Gala esgotaram no final de outubro. Entre agosto e setembro, com maior participação na comercialização de frutas de menor calibre, a estratégia foi a exportação de maçãs e a redução nas cotações das frutas graúdas, o que desvalorizou o preço da maçã Gala em 2,2% e 0,2% o da Fuji, na média. Em outubro, com a demanda ainda retraída pelo efeito da pandemia nas compras dos órgãos públicos (merenda escolar) e privados (cozinhas industriais, restaurantes e etc.), houve escalonamento dos calibres nas classificadoras como forma de escoar a produção com preços valorizados acima de 5,0% das cotações do mês de setembro. Nos pomares, a estiagem afeta as áreas em produção para a safra 2020/21, com registro de quedas de frutos. No início de outubro, a floração se comportava dentro da normalidade. Na segunda quinzena, o clima seco e quente estimulou a frutificação, que foi afetada pela queda acentuada de frutos, com cancelamento de raleio manual nas áreas atingidas.

Em São Joaquim, os estoques estão reduzidos, com valorização das cotações. Em outubro os preços estavam valorizados em 4,0% em comparação aos de setembro. A menor oferta e a melhor qualidade das frutas miúdas proporcionaram a manutenção da valorização no início do mês de novembro, com preços entre 4,0% e 5,0% maiores que os de outubro. Os pomares que estavam em floração no final de setembro iniciaram a frutificação na primeira quinzena de outubro, inclusive com a execução de raleio químico. Com o desenvolvimento dos frutos, no final de outubro encerrou o raleio manual. No início de novembro, houve a ocorrência de geada em algumas áreas de produção, com possibilidade de afetar a qualidade das frutas.

Na região de Vacaria (RS), entre setembro e outubro houve escoamento da produção para exportação, com valorização nas cotações das frutas miúdas no mercado interno, devido a redução relativa na oferta. Com preços valorizados em mais de 4,7% em outubro com relação ao mês anterior, novembro inicia com aumentos acima de 5,2% nas cotações da Fuji e 5,9% nas da Gala.

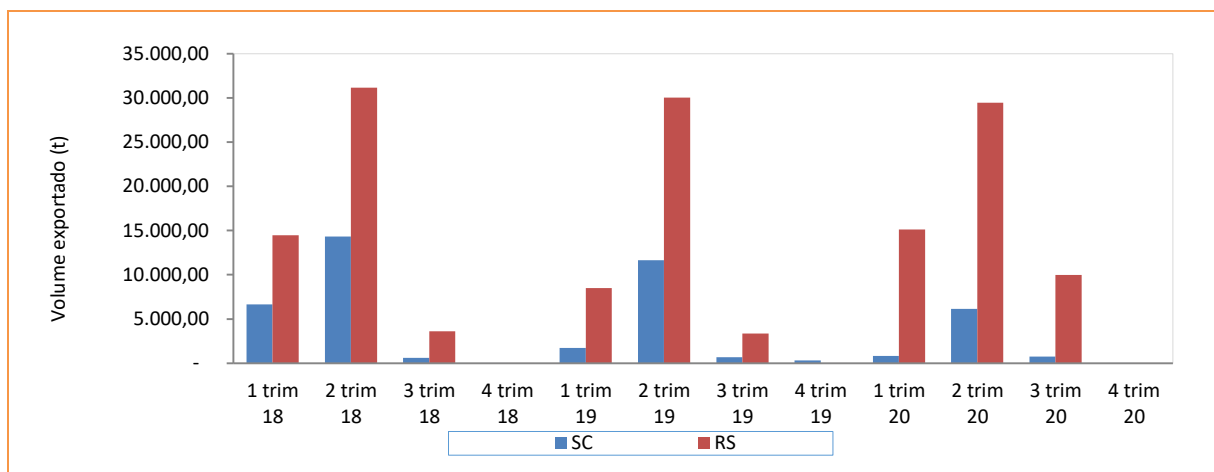


Figura 3. Maçã – Volumes trimestrais das exportações de SC e RS – jan./2018 a out./2020

Fonte: Comexstat/MDIC, novembro, 2020.

O total das exportações brasileiras de maçãs, de janeiro a outubro de 2020, foi de 62,5 mil toneladas, com crescimento de 10,7% em relação ao ano anterior, gerando um valor de US\$41,21 milhões. A balança comercial da fruta até outubro está deficitária em US\$26,57 milhões. O estado do Rio Grande do Sul, em 2020, exportou 54,57 mil toneladas (87,3%), o que representou um aumento de 30,3% em relação a 2019, com valor de US\$35,82 milhões. Santa Catarina exportou 7,71 mil toneladas, 12,3% do total nacional, com redução de 46,2% no volume comercializado em comparação com 2019 quando havia exportado 14,34 mil toneladas, 25,4% do total nacional. Em 2020, foram US\$4,98 milhões de valores da exportação catarinense, com redução de 2,9% nos valores nominais em relação ao ano anterior.

O volume importado de maçãs entre janeiro e outubro de 2020 foi de 84,18 mil toneladas, aumento de 7,3% em relação ao ano anterior, com valor de US\$67,78 milhões, redução de 0,6% em relação a 2019, com câmbio depreciado. Do total importado de maçãs, 53,8% da fruta tiveram origem chilena, com 45,3 mil toneladas e valor de US\$35,91 milhões; 31% argentina, com 28,0 mil toneladas e valor de US\$21,15 milhões; 6,1% portuguesa, com 4,58 mil toneladas, e 5% italiana, com 3,1 mil toneladas. Em novembro, a diminuição dos estoques chilenos e argentinos da fruta reduziu a comercialização com o Brasil; enquanto a alta cotação interna da moeda norte-americana dificulta a ampliação dos negócios com a fruta europeia.

Tabela 1. Maçã – Santa Catarina: comparativo entre a safra 2019/20 e a estimativa atual de 2020/21

Principais MRG com cultivo de maçã	Estimativa 2019/20			Estimativa atual 2020/21			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (%)	Produção (%)	Produtividade média (%)
Joaçaba	2.157	75.178	34.851	2.282	81.348	35.648	5,80	8,21	2,28
Curitibanos	958	31.755	33.147	959	36.074	37.616	0,10	13,60	13,48
Campos de Lages	10.248	380.087	37.087	10.278	381.545	37.123	0,29	0,38	0,09
Outras	112	2.482	22.161	114	2.492	21.860	1,79	0,40	-1,36
Total	13.475	489.502	36.327	13.633	501.460	36.783	1,17	2,44	1,26

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2020.

A expectativa é que a safra 2020/21 tenha frutas com calibres e volumes menores que os inicialmente previstos, devido a atuação do fenômeno La Niña que deverá se estender até o início de 2021.

Grãos

Arroz

Gláucia Padrão
Economista, Dr^a. – Epagri/Cepa
glauciapadiao@epagri.sc.gov.br

Preços ao produtor

Os preços ao produtor em Santa Catarina vem dando sinais de estabilidade nas últimas semanas. O preço médio de outubro foi cerca de -1% em relação ao preço de setembro, enquanto na primeira quinzena de novembro não houve variação em relação ao preço de outubro. Isso se deve ao fato de ocorrer pouca comercialização neste período. A safra 2020/21 está em fase final de plantio e o volume colhido da safra 2019/20 já foi praticamente todo negociado, restando cerca de 3% da produção em estoque. Comparando o comportamento esperado para os preços e o observado neste ano de 2020 em Santa Catarina, observa-se que, guardadas as proporções pelo momento atípico do mercado, este é um período em que os preços começam a mostrar sinais de estabilidade e devem se manter assim até a entrada da colheita da próxima safra.

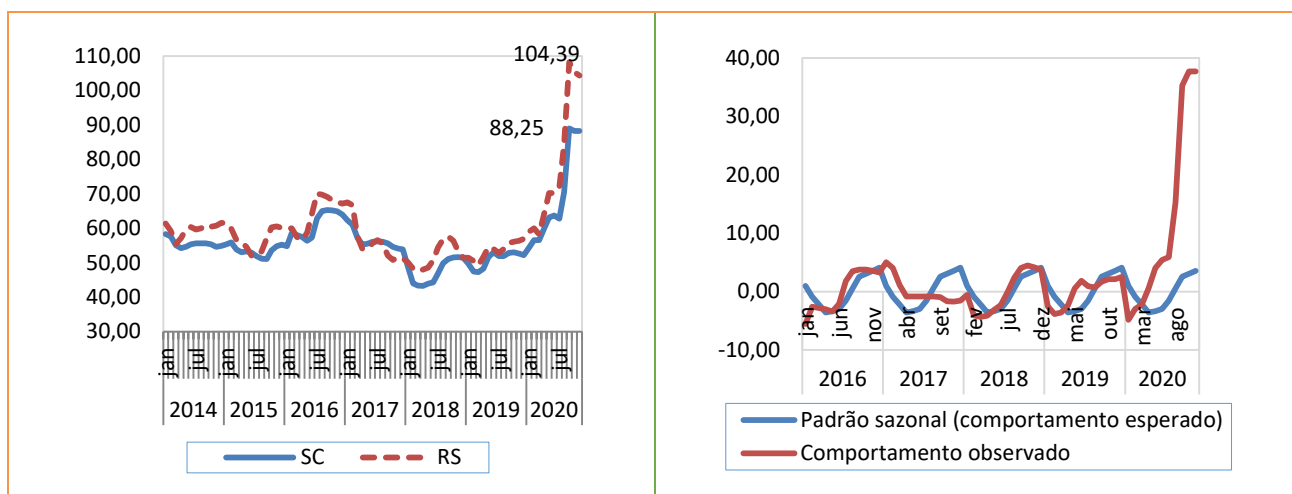


Figura 1. Arroz irrigado – Evolução do preço médio real mensal ao produtor (R\$/sc 50kg) – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Jan./2014 a nov./2020) e comparativo do comportamento esperado e observado dos preços catarinenses (%)

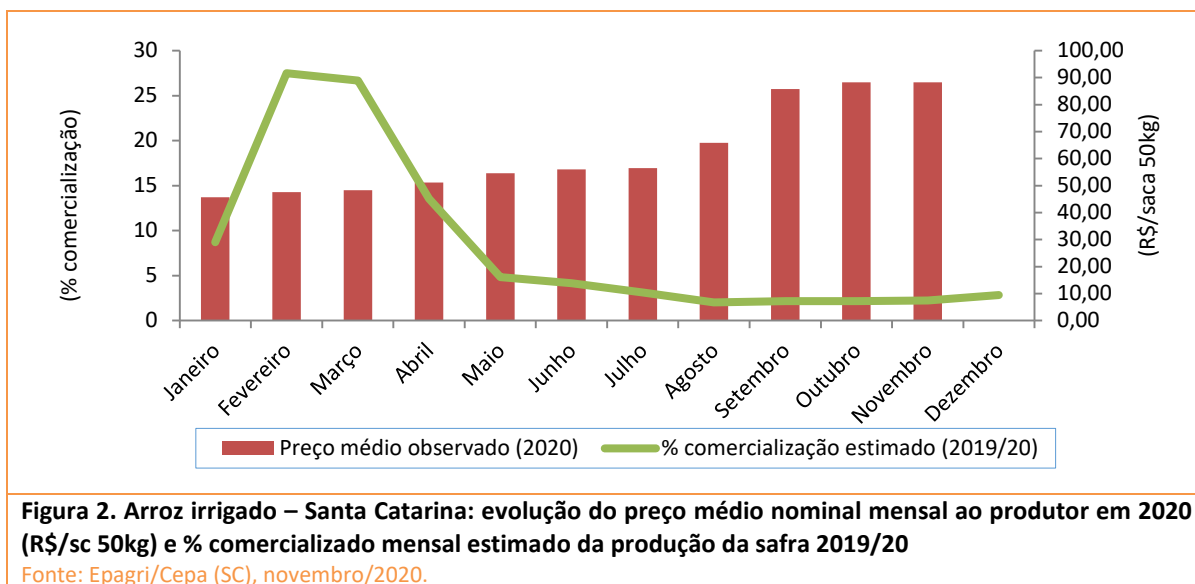
Nota: ¹ Estimativa de preços médios da primeira quinzena de setembro de 2020.

Preços corrigidos pelo IGP-Di (Base outubro/2020).

Fonte: Epagri/Cepa (SC) e Cepea (RS), novembro/2020.

A Figura 2 mostra a evolução do percentual estimado de comercialização do arroz em casca por mês no estado e os preços médios praticados de janeiro a novembro (primeira quinzena) de 2020. Observa-se que de janeiro a julho, quando ocorre a colheita do arroz no estado, aproximadamente 87% da produção já havia sido comercializada, ao preço médio de R\$51,42/sc de 50kg. Entre agosto e setembro, cerca de 5% da produção foi comercializada, com 2,5% alcançando preço médio de R\$65,85 e outros 2,5% alcançaram R\$85,83 por saca de 50kg. Entre outubro e novembro, outros 4% foram comercializados ao preço médio de R\$88,25, restando cerca de 3% da produção a ser comercializada, que deve se manter no mesmo patamar de preços. Com preços elevados, alguns produtores tiveram a oportunidade de capitalizar e puderam investir na safra recém-semeada, como numa adubação correta, o que pode resultar em aumento da produtividade. Além disso, destaca-se que a valorização do dólar frente ao real resulta em aumento dos custos de produção, haja vista que a maior parte dos insumos são importados. Assim, apesar dos preços

elevados em 2020, que possibilitou uma margem positiva, o aumento dos custos de produção causam preocupação no que diz respeito à safra a ser colhida, visto que os preços ao produtor dificilmente se manterão no patamar atual.



Mercado externo

No que se refere ao mercado externo, Santa Catarina alcançou a marca de 47 mil toneladas exportadas de janeiro a outubro de 2020. Isto significa quase oito vezes a mais do que o volume exportado em todo o ano de 2019. O mês de maior movimentação foi agosto, quando a disponibilidade de produto no mercado interno reduz de forma significativa. Os principais destinos das exportações são parceiros tradicionais do estado, com destaque para a África do Sul, Guatemala e Senegal. Em relação à entrada de arroz vindo de outros países, destaca-se que, de janeiro a outubro, Santa Catarina importou cerca de 36% a mais que o volume importado em todo o ano de 2019. Contudo, as origens desse arroz não se alteraram substancialmente, com aproximadamente 64% do volume de 2020 proveniente do Uruguai, seguido do Paraguai (29,17%) e Itália (3,92%). Dos parceiros não tradicionais, mas que já comercializaram com Santa Catarina em algum momento, foram registradas cerca de 71 toneladas, vindas do Paquistão, Tailândia, Espanha e Estados Unidos. Embora esse volume não seja representativo, é reflexo da decisão da Câmara de Comércio Exterior (Camex), do Ministério da Economia, de reduzir, até dezembro de 2020, a alíquota do imposto de importação de até 400 mil toneladas de arroz com casca não parboilizado e arroz semibranqueado e branqueado não parboilizado.

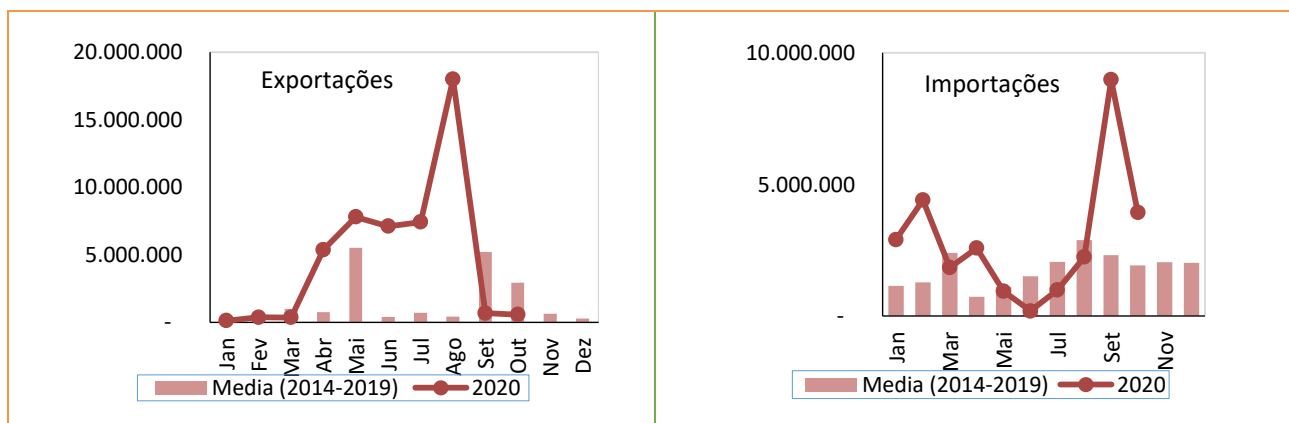


Figura 3. Arroz – Santa Catarina: comparativo das exportações e importações mensais médias de 2014 a 2019 e o realizado em 2020 (kg)

Fonte: Comexstat, novembro/2020.

Comparativo de safra

A estimativa inicial da safra 2020/21 aponta para uma estabilidade na área plantada, em torno de 149 mil hectares. Desta área, cerca de 97,49% já foi semeada até a primeira semana de novembro. No mapa (Figura 4) é possível observar que as microrregiões do Alto Vale do Itajaí, Tijucas e Florianópolis já encerraram o plantio. As demais regiões estão em fase final, com algumas áreas apresentando dificuldades de implantação pela escassez de água. Em relação à comparação com as safras anteriores, o plantio segue ritmo normal, levemente adiantado em relação à safra 2019/20, que atrasou em função da estiagem. No litoral Norte do estado começam a surgir relatos de ocorrência de brusone, especialmente explicada pelo clima favorável, combinando calor, pouca chuva e dias nublados. Nas demais regiões do estado, não há relatos de problemas relacionados à safra, apesar da escassez de água e baixa precipitação. Em relação à produção e produtividade, é esperada uma redução de 5,67% em comparação à safra anterior. Isso decorre do fato de que na safra passada, 2019/20, a produtividade média obtida foi superior às observadas nos anos anteriores, especialmente no sul do estado, graças a uma conjunção de fatores, como a distribuição das chuvas, luminosidade adequada, uso de cultivares de alto potencial produtividade e incremento tecnológico. Assim, para esta safra a produtividade deve retornar a um patamar tido como normal para o estado. Em relação à condição de lavoura, aproximadamente 99% encontra-se em situação boa ou ótima, o que indica até o momento que as lavouras estão se desenvolvendo normalmente.

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo das safras 2019/20 e 2020/21

Microrregião	Safra 2019/20			Estimativa inicial Safra 2020/21			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	58.848	504.920	8.580	58.848	454.033	7.715	0,00	-10,08	-10,08
Blumenau	7.101	63.364	8.923	7.115	62.977	8.851	0,20	-0,61	-0,81
Criciúma	21.828	191.178	8.758	21.828	168.701	7.729	0,00	-11,76	-11,76
Florianópolis	1.902	11.783	6.195	1.895	12.293	6.487	-0,37	4,32	4,71
Itajaí	9.478	74.451	7.855	9.446	76.607	8.110	-0,34	2,90	3,24
Ituporanga	171	1.503	8.790	171	1.539	9.000	0,00	2,39	2,39
Joinville	18.226	150.295	8.246	18.226	150.067	8.234	0,00	-0,15	-0,15
Rio do Sul	10.668	89.466	8.386	10.695	93.757	8.766	0,25	4,80	4,53
Tabuleiro	132	739	5.598	132	924	7.000	0,00	25,04	25,04
Tijucas	2.164	16.201	7.486	2.164	16.089	7.435	0,00	-0,69	-0,69
Tubarão	18.940	150.239	7.932	18.939	145.994	7.709	-0,01	-2,83	-2,82
Santa Catarina	149.458	1.254.139	8.391	149.459	1.182.980	7.915	0,00	-5,67	-5,67

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2020.

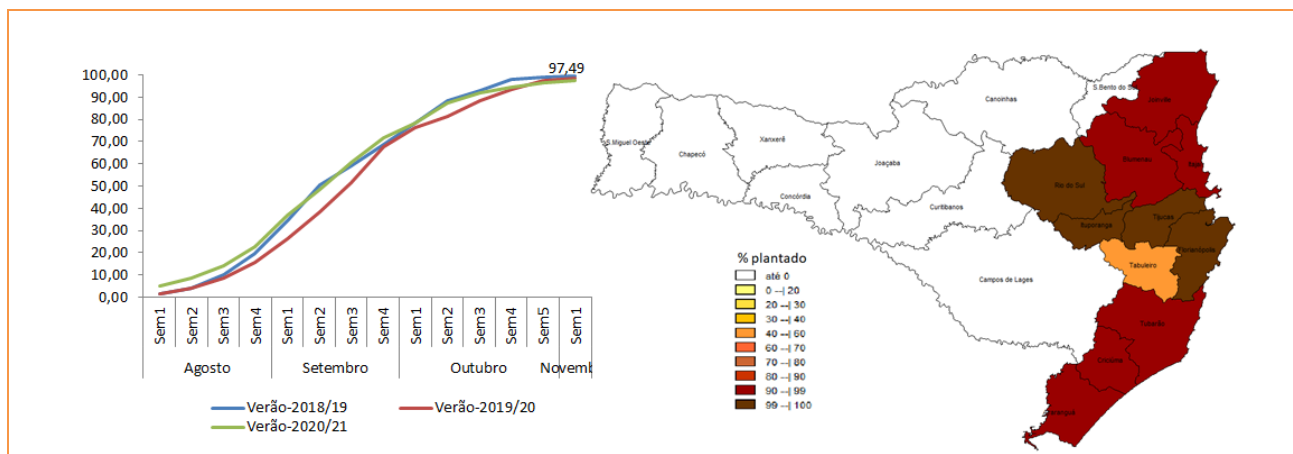


Figura 4. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo da evolução do plantio, safras 2018/19, 2019/20 e 2020/21 e mapa com o percentual plantado por microrregião (primeira semana de novembro)

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2020.

Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Os preços do feijão no mercado catarinense se mantiveram em alta. Apesar da diminuição da procura por parte do mercado consumidor, os preços foram sustentados pela baixa oferta de produto disponível para venda. Em Santa Catarina, no mês de outubro os produtores de feijão-carioca receberam, em média, 7,68% a mais que em setembro. Para o feijão-preto, a variação foi positiva em 10,18% no mesmo período. Em termos nominais, os preços praticados no mercado catarinense estão muito acima daqueles praticados no mesmo período do ano passada, com incremento de 73,40% para o feijão-carioca e 94,71% para o feijão-preto. Nos demais estados acompanhados, os ganhos também são significativos. Nesse período, o mercado segue sendo abastecido com feijão-carioca proveniente dos estados produtores da Região Sudeste.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Out./2020	Set./2020	Variação mensal (%)	Out./2019	Variação Anual (%)
Santa Catarina	Feijão-Carioca	209,38	194,45	7,68	120,75	73,40
Paraná		264,85	252,88	4,73	148,77	78,03
Mato Grosso do Sul		256,36	267,16	-4,04	166,85	53,65
Bahia		243,06	231,28	5,09	153,40	58,45
São Paulo		276,93	279,23	-0,82	172,67	60,38
Goiás		246,77	265,28	-6,98	162,16	52,18
Santa Catarina	Feijão-Preto	242,77	220,34	10,18	124,68	94,71
Paraná		249,25	240,13	3,80	121,35	105,40
Rio Grande do Sul		259,77	241,54	7,55	135,34	91,94

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, BA, SP, GO e RS), novembro/2020.

O comportamento do mercado atacadista de feijão segue em ritmo considerado calmo. Na Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP), que oferece referência de preços para o mercado atacadista nacional de feijão, não foi registrada variação significativa nos preços médios para os lotes negociados em outubro. Segundo agentes do mercado, as negociações de compra e venda seguem em ritmo lento, mas com preços em patamares elevados, oscilando entre R\$240,0 e R\$260,00 para a saca de 60kg do feijão-carioca, e entre R\$225,00 e R\$245,00 para o feijão-preto. Neste início de novembro, foram relatados negócios com preços acima de R\$280,00 para o feijão-carioca.

Safra nacional

A safra nacional 2020/21 encontra-se em andamento, com destaque para a Região Sudeste, onde lavouras já estão sendo colhidas e abastecendo o mercado nacional com feijão-carioca. Nos demais estados produtores de feijão primeira safra, as lavouras implantadas com feijão-carioca estão com desenvolvimento satisfatório, apesar de muitas delas estarem enfrentando problemas com os baixos volumes de chuvas e as altas temperaturas registrados no mês de outubro, fatores que poderão prejudicar o desenvolvimento das lavouras, sobretudo nas Regiões Sul e Sudeste, com possibilidade de comprometimento da produtividade. Estimativas da Conab apontam que, para o feijão-carioca de 1ª safra, deverá haver uma redução na produção da ordem de 6,7%, passando de 609 mil toneladas, para atuais 568,2 mil toneladas.

Em relação ao feijão-preto, a Região Sul será responsável, nesta 1ª safra 2020/21, por mais de 90% da área total cultivada. Com mais de 92% da área já plantada, o Paraná se destaca com uma produção prevista de 176,5 mil toneladas. Já no Rio Grande do Sul, que deverá colher nesta 1ª safra de feijão-preto cerca de 49,8

mil toneladas, cerca de 90% da área destinada ao cultivo do produto já foi plantada. Santa Catarina segue na terceira posição no cenário nacional da produção de feijão-preto em 1ª safra. Nesta temporada, estima-se a colheita de 44 mil toneladas do produto.

Estimativas da Conab reportam que na 1ª safra de feijão-preto o país deverá colher cerca de 273,4 mil toneladas, contra as 313,0 mil toneladas colhidas na safra passada, uma redução de 12,7%. Assim como para o feijão-carioca, as adversidades climáticas estão atrapalhando o estabelecimento das lavouras, com as temperaturas elevadas e a falta de chuvas prejudicando o desenvolvimento da cultura, devendo causar baixas produtividades e frustrando as expectativas dos produtores.

Safra catarinense

Em relação ao desenvolvimento das plantas, a campo há situações bastante distintas para as diferentes regiões do estado. No Sul, nas Microrregiões Geográficas (MRG) de Araranguá, Criciúma e Tubarão a cultura avança na fase de floração, 9%, 13% e 11%, respectivamente. As condições climáticas favoráveis na região (chuvas e calor) e o aumento do fotoperíodo beneficiam as lavouras já plantadas, que se desenvolvem adequadamente, com a condição de lavoura considerada boa em 90% da área, e média em 10%.

No Planalto Norte, nas MRG de Canoinhas e São Bento do Sul, as chuvas que ocorreram no final de outubro amenizaram a condição precária das lavouras. Com isso, os produtores retomaram as práticas de manejo necessárias (fertilização de cobertura). Por outro lado, as variações "extremas" de temperaturas (6°C a 32°C) proporcionam condições para a ocorrência de pragas e doenças nas lavouras. Nas duas microrregiões, as lavouras plantadas já avançaram para a fase de floração, com Canoinhas registrando 5% e São Bento do Sul 8%. O longo período de estiagem deverá acarretar prejuízos. Nas lavouras no início de floração, fase crítica do desenvolvimento das plantas, a falta de umidade pode comprometer a produtividade ao final do ciclo. A condição de lavoura é considerada boa em 50% da área, média em 40%, e ruim em 10%.

Na Região Oeste, o plantio está atrasado, registrando até final de outubro 78% da área das MRG de Chapecó e Concórdia e 73% da área da MRG de Xanxerê. Devido à estiagem prolongada, muitos produtores desistiram de semear feijão, que provavelmente será substituído pelo cultivo de soja. Nas lavouras implantadas, as plantas sofrem pela falta de chuvas e temperaturas elevadas. Estimativas mais otimistas projetam perdas generalizadas superiores a 25%, mas há relatos de perdas ainda maiores. A condição de lavoura é considerada boa em 75% da área, média em 5%, e ruim em 20%.

No Meio Oeste, as MRG de Joaçaba e Curitiba ainda não registraram plantio comercial de feijão. Apesar da ocorrência de chuvas mal distribuídas, a condição de estiagem persiste. Nesse momento, as lavouras de inverno estão sendo colhidas, dando lugar aos cultivos de verão. Assim que as condições climáticas forem favoráveis, com a volta das chuvas, os produtores deverão iniciar os plantios de feijão.

Na Região Extremo Oeste, até final de outubro 41% das áreas de feijão já haviam sido semeadas. A estiagem castiga severamente essa região. Devido à ocorrência de chuvas em baixos volumes e mal distribuídas, a germinação das sementes foi prejudicada. São raras as lavouras com stand uniforme. Para as lavouras em desenvolvimento, a condição de lavoura é considerada boa para 30% da área plantada, 65% média e 5% ruim. Se a estiagem persistir nas próximas semanas, essa situação tende a se agravar.

Em todo estado, até o final de outubro 55,21% da área destinada ao plantio de feijão 1ª safra já havia sido semeada. Para as lavouras que estão a campo, 95,2% encontram-se em fase de desenvolvimento vegetativo e apenas cerca 4,8% a fase de floração. Em relação às estimativas estaduais de área plantada, produção e rendimento médio das lavouras, na comparação com a safra anterior é previsto um aumento de produção da ordem de 17%. Esse aumento é decorrente do incremento no rendimento médio das lavouras.

É importante destacar que a safra 2019/20 foi fortemente prejudicada pela pelas péssimas condições climáticas, resultando numa safra frustrada em relação ao que era esperado. As estimativas desta safra tendem a mudar nos próximos meses, na medida em que os prejuízos causados pela estiagem prolongada se acumulam a cada semana que passa.

Tabela 2. Feijão 1ª safra – Comparativo das safras 2019/20 e 2020/21

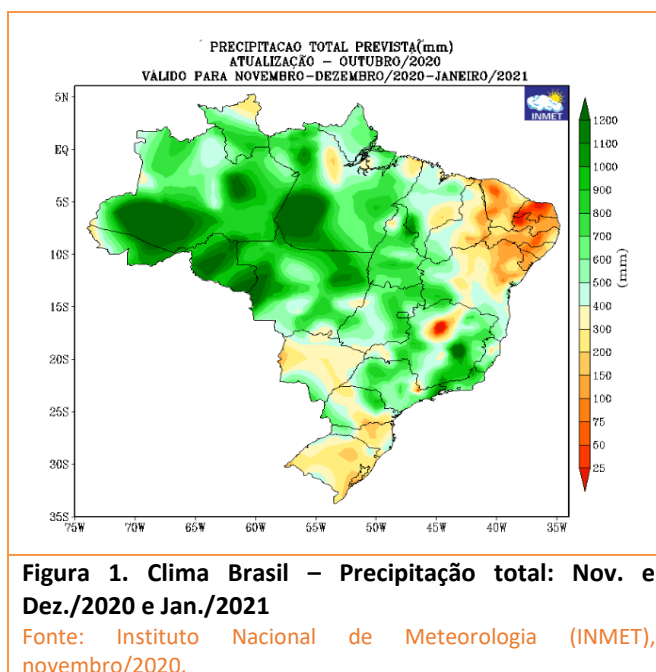
Microrregião	Safra 2019/20			Estimativa – Safra 2020/21			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produção
Araranguá	54	50	926	53	52	987	-1,9	4,5	6,5
Campos de Lages	7.530	8.375	1.112	7.100	13.844	1.950	-5,7	65,3	75,3
Canoinhas	6.200	14.420	2.326	6.850	16.395	2.393	10,5	13,7	2,9
Chapecó	2.208	4.585	2.077	2.313	3.751	1.622	4,8	-18,2	-21,9
Concórdia	411	642	1.562	384	596	1.551	-6,6	-7,2	-0,7
Criciúma	675	778	1.153	682	811	1.188	1,0	4,2	3,1
Curitibanos	4.780	8.505	1.779	4.810	11.358	2.361	0,6	33,5	32,7
Florianópolis	12	7	542	16	18	1.125	33,3	176,9	107,6
Ituporanga	1.010	1.628	1.612	930	1.661	1.785	-7,9	2,0	10,8
Joaçaba	2.369	3.435	1.450	2.893	5.769	1.994	22,1	67,9	37,5
Rio do Sul	596	965	1.618	585	1.033	1.766	-1,8	7,1	9,1
São Bento do Sul	600	1.200	2.000	500	950	1.900	-16,7	-20,8	-5,0
São M. do Oeste	825	1.669	2.023	914	1.850	2.024	10,8	10,8	0,0
Tabuleiro	376	451	1.200	371	423	1.140	-1,3	-6,3	-5,0
Tijucas	166	172	1.033	180	232	1.289	8,4	35,3	24,8
Tubarão	773	963	1.246	767	978	1.275	-0,8	1,6	2,3
Xanxerê	7.384	15.047	2.038	6.725	13.839	2.058	-8,9	-8,0	1,0
Santa Catarina	35.969	62.891	1.748	36.073	73.558	2.039	0,3	17,0	16,6

Fonte: Epagri/Cepa (SC), novembro/2020.

Previsão climática

Para a Região Sul, as previsões climáticas do INMET indicam que as chuvas serão abaixo da média no trimestre (nov. e dez./2020 e jan./2021) para os três estados, exceto no nordeste e oeste do Paraná e de Santa Catarina, onde a tendência é de que as chuvas ocorram acima da média.

Para o mês de novembro/2020, o modelo de previsão do balanço hídrico do INMET indica o predomínio de déficits hídricos na Região Sul, exceto no nordeste do Paraná e leste de Santa Catarina, onde são previstos excedentes hídricos entre 30 e 60mm. Já no mês de dezembro/2020, a previsão indica déficit hídrico no solo somente sobre o centro-sul do Rio Grande do Sul e noroeste do Paraná. Em janeiro/2021, existe a probabilidade de expansão das áreas de excedentes hídricos para toda Região Sul.

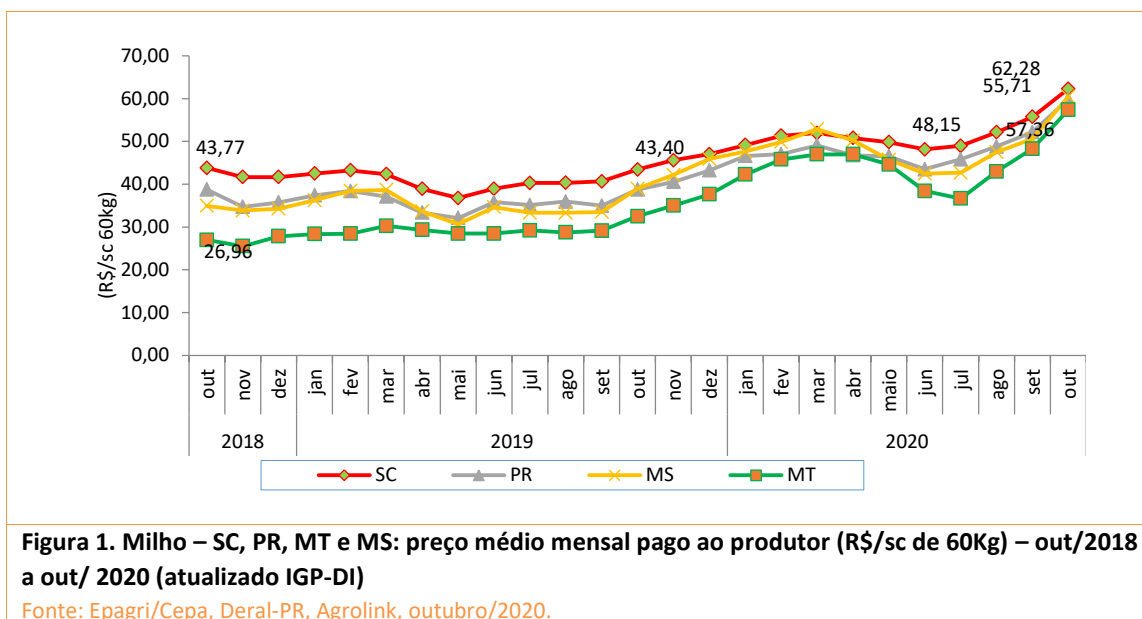


Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em outubro, o preço médio mensal pago ao produtor em Santa Catarina foi de R\$62,28/sc de 60kg, 11,8% superior ao de setembro e 43,4% acima do praticado em agosto de 2019 (Figura 1). Nos demais estados, os valores seguiram a mesma trajetória de alta. O mercado do milho pode estar se consolidando em um novo patamar de preços, com maior impacto do mercado internacional.



Mercado

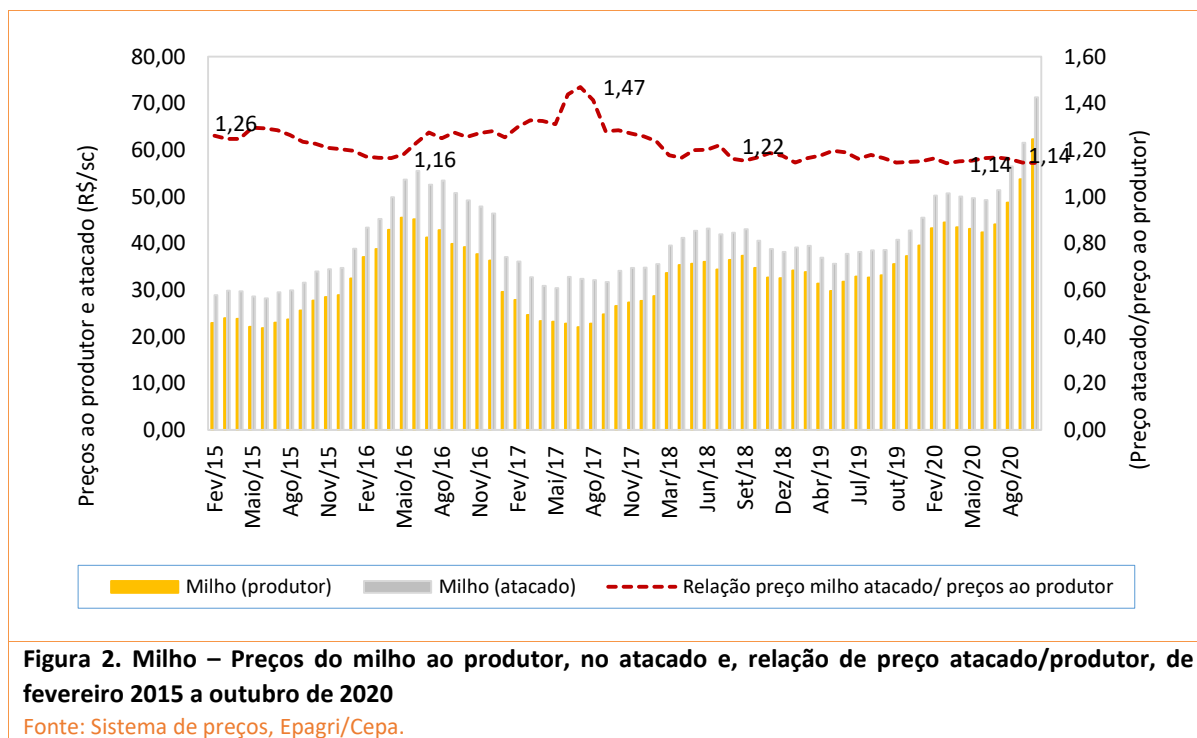
Alguns fatores que influenciaram o mercado em outubro e início de novembro:

- o dólar fortalecido, acima de 5,5:1(relação dólar:real), mantém as exportações competitivas, com firme demanda pelos países importadores;
- a demanda interna pelo cereal reagiu positivamente em relação ao início da pandemia, com as exportações de carnes impulsionando o mercado interno;
- a retirada da taxa de importação (RESOLUÇÃO GECEX Nº 102, DE 20 DE OUTUBRO DE 2020) até março de 2021, em um primeiro momento levou os preços no atacado próximo ao preço de paridade nos portos, porém no médio prazo poderão viabilizar as importações;
- em função da anomalia climática, com poucas chuvas registradas em setembro e outubro, a primeira safra no Sul do Brasil deve apresentar recuo nas estimativas iniciais de rendimento e produção final, fator que contribui para a manutenção dos preços fortalecidos;
- o cenário mundial é de redução dos estoques de milho, com maior demanda. No Brasil, o suprimento deverá estar à ajustado em relação a demanda no final do ano e primeiro semestre de 2021;
- os preços só devem perder força se o dólar apresentar redução e, assim, viabilizar as importações no início de 2021, num primeiro momento dos países do Mercosul e até dos Estados Unidos;

- o reflexo das eleições nos EUA, a questão ambiental global, o arrefecimento das relações EUA x China devem alterar o cenário econômico mundial e o mercado das commodities, porém ainda não está clara a dimensão das relações internacionais.

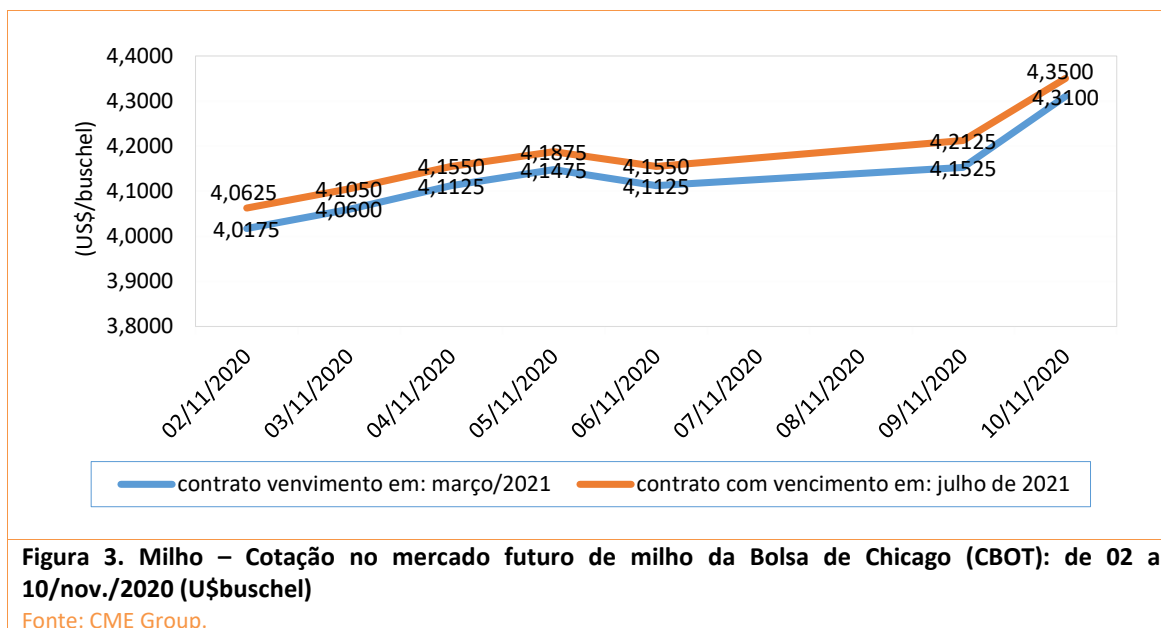
Relação de preços ao produtor e atacado

Os preços ao produtor e no atacado seguem trajetória paralela, ou seja, possuem alta correlação¹ na evolução do comportamento. Quanto maior o preço ao produtor, menor a relação entre o preço no atacado e ao produtor, conforme apresentado na Figura 1. Em dois momentos de 2016 a relação entre os preços do atacado/produtor diminuiu, como em 2020, alcançando 1,14:1. Em momentos de menor oferta do produto, os compradores (cooperativas e empresas) precisam elevar os preços para atrair produtores. Porém, na hora da venda nem sempre conseguem repassar o aumento para os elos seguintes da cadeia produtiva, como as fábricas de rações. O contrário também é verdadeiro. Com excedente de oferta, é comum os preços ao produtor cederem em maior intensidade que os preços no atacado. Outro fator que pode ser considerado é que o produtor com maior estrutura de armazenagem passou a comercializar direto ao consumidor, levando a um estreitamento nos preços. Contudo, a transmissão dos preços não é direta, ocorre nos produtos agrícolas.



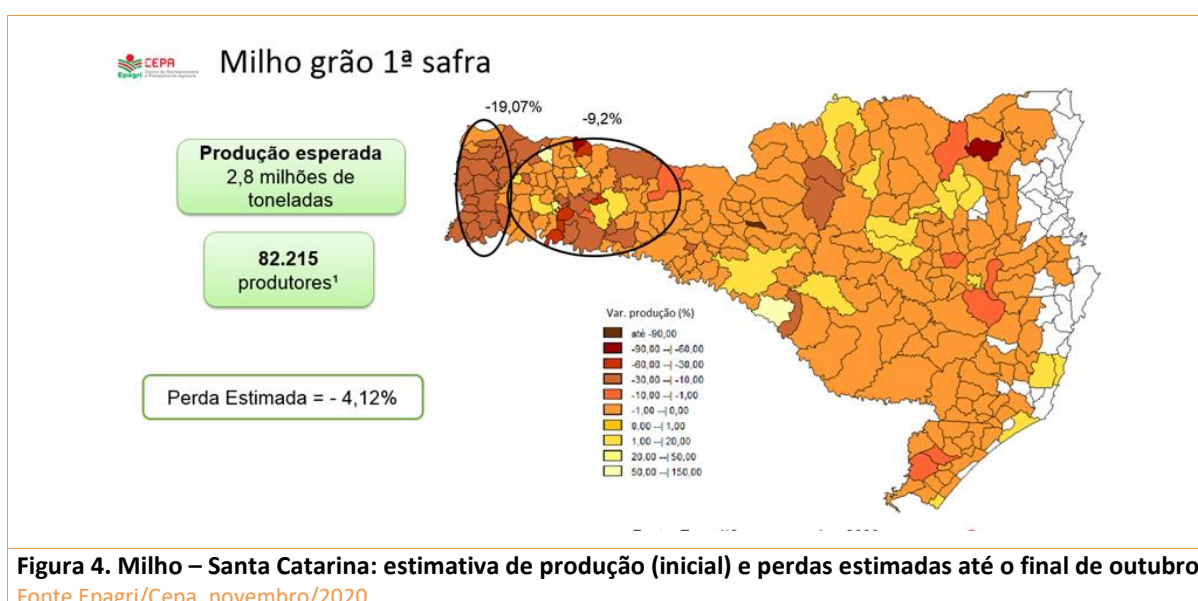
No mercado futuro de milho da Bolsa de Chicago (CBOT), as cotações entre os dias 02 e 10 de novembro, para contratos com vencimento em março/21 e julho/21, apresentaram uma variação de alta significativa, superior a 7%, indicando uma consolidação dos preços acima de U\$4,00/bushel (bushel=27,216 kg). Os principais fatores que determinam este nível de preços são: quebra da safra americana em relação à expectativa inicial e importação de volumes maiores do milho dos EUA pela China. A perspectiva de produção de milho nos EUA para 2020/21 (Relatório USDA, novembro) reduziu de 373,95 milhões de toneladas (outubro) para 368,49 MT, em novembro. O preço do milho, na primeira quinzena de novembro, aumentou 40cents, superando U\$4,00/bushel, conforme demonstrado na Figura 3.

¹ Coeficiente de correlação de Pearson - r = -0,63. Altamente significativo a 99% ≠ 0.



Acompanhamento da safra de milho 2020/2021 em Santa Catarina

Os dados da estimativa inicial da safra 2020/2021 apontam para uma área cultivada de 331,35 mil hectares (primeira safra), aumento de 3,1% frente à safra passada. O prognóstico inicial da produção total chega a 2,83 milhões de toneladas, com rendimento previsto de 8,53 toneladas por hectare. No entanto, a estiagem prolongada em setembro e outubro já resulta em perdas de 4,12%, média estadual, dados preliminares no atual relatório. Considerando as regiões mais afetadas, em função das distintas fases das lavouras, as perdas são maiores. No Extremo Oeste, as perdas são superiores a 19%, em média. Nas regiões de Chapecó, Xanxerê e Concórdia, as perdas registradas até fim de outubro são de, em média, 9,2% (Figura 4). Em função da continuidade da estiagem após o levantamento, os números devem aumentar no próximo relatório. Em alguns municípios, as perdas ultrapassam a 20%. Nas demais regiões também ocorrem perdas significativas. As chuvas registradas nos dias 9 e 10 de novembro não foram suficientes para normalizar a umidade do solo. Em função do estágio das lavouras nas regiões Oeste e Extremo Oeste (início de floração e enchimento de grãos), fase crítica para a falta de umidade, os efeitos devem ser marcantes na redução da produtividade.



Safra 2020/21 – Calendário

O desenvolvimento da safra de milho no estado acontece de maneira distinta entre as regiões. Os produtores reiniciaram e intensificaram o plantio do milho com as chuvas dos dias 9 e 10 de novembro no Oeste e Planalto Sul, cujo calendário de plantio está atrasado em relação à safra anterior (Figura 5), destacando-se as regiões de Lages, Curitibaanos e Joaçaba. As poucas chuvas em setembro e outubro nestas regiões, com registros de somente 30-40mm (Figura 6), foram insuficientes para recompor a umidade do solo e garantir uma germinação adequada. O padrão das lavouras está inferior ao verificado no mesmo período de 2019. Nas regiões mais altas, a implantação das lavouras aconteceu de maneira mais intensiva após as chuvas registradas no início de outubro.

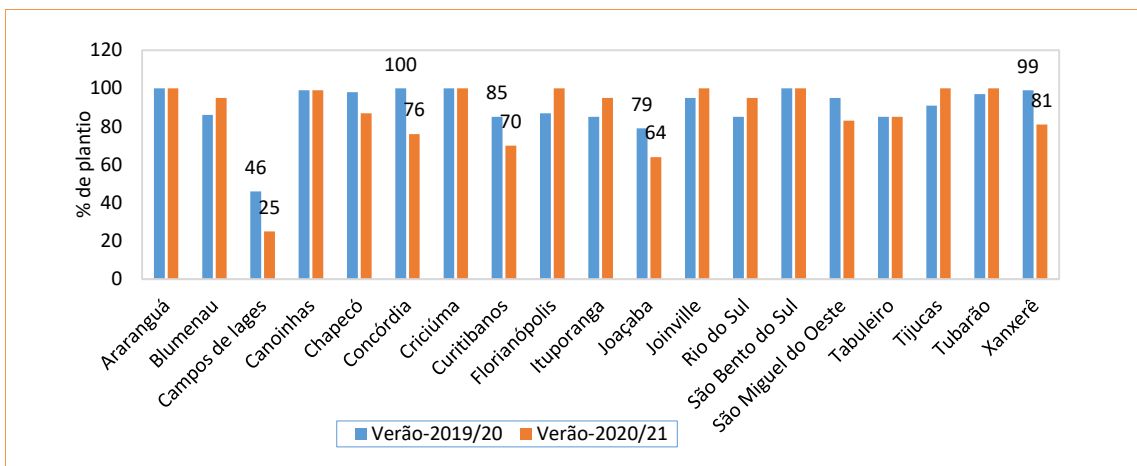


Figura 5. Milho – Santa Catarina: evolução do plantio nas regiões até a semana 44 (primeira semana de novembro (%)) – Comparativo das safras 2019/20 e 2020/21

Fonte: Sistema de Safra Epagri/Cepa, novembro/2020.

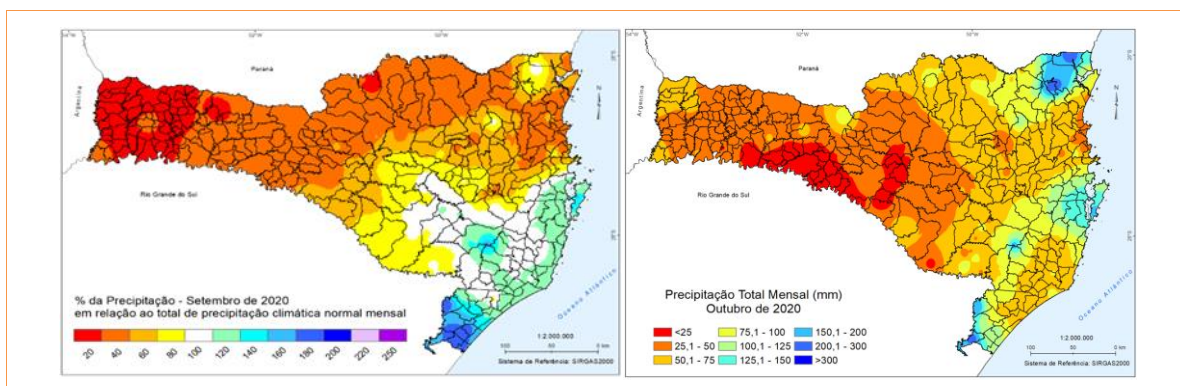


Figura 6. Santa Catarina – Precipitação total em setembro e outubro – % em relação ao total de precipitação climática mensal normal

Fonte: Epagri/Ciram, novembro/2020.

Acompanhamento Safra – situação das lavouras nas regiões².

- **Região Oeste:** as chuvas da primeira semana de novembro foram desuniformes (5-20mm). Mesmo sem as melhores condições, os agricultores continuaram a semeadura das lavouras. O plantio da primeira safra está na fase final. As primeiras lavouras plantadas na região do baixo vale do rio Uruguai estão no estágio reprodutivo. As perdas em função da estiagem já estão consolidadas, acima de 20% em vários municípios da região. A atualização das perdas em função da estiagem é realizada nos relatórios mensais durante todo o ciclo da cultura;

² Sistema de acompanhamento de safra, calendário. Registro da situação do desenvolvimento da safra na primeira semana de novembro nas diferentes regiões do estado. Epagri/Cepa.

- **Região Planalto Norte:** os baixos volumes de chuva reduzem, aos poucos, o potencial produtivo estimado. O período de estiagem e a dificuldade de aplicação de fertilizantes de cobertura são fatores que tem efeito na redução de produtividade, em torno de 6% para a região, com tendência para perdas maiores (estimativas de setembro era de 9.828 kg/ha e de outubro baixou para 9.213 kg/ha).
- **Região Planalto Sul: Curitiba/Campos Novos/Campos de Lages:** os serviços de semente estão atrasados e se desenvolvendo lentamente, em função das poucas chuvas em outubro. Chuvas irregulares e geadas localizadas prejudicaram algumas lavouras em áreas mais propícias para a ocorrência do fenômeno. Aguarda-se o retorno das chuvas regulares na segunda quinzena de novembro, que poderão cessar as perdas já contabilizadas.
- **Regiões Sul e Litoral:** As condições climáticas da semana novamente foram favoráveis (chuvas, calor e o aumento gradativo do fotoperíodo/luminosidade), favorecendo o desenvolvimento vegetativo da cultura na região.
- **Região Alto Vale do Itajaí:** As plantas estão sendo afetadas pela falta de água, porém as lavouras ainda estão regulares, com muitas lavouras no desenvolvimento vegetativo. A ocorrência de chuvas ameniza e recupera as lavouras;
- **Região Meio Oeste** (Joaçaba, Videira e Caçador): Permanece o quadro de estiagem na região, muito do milho plantado ainda na fase inicial de desenvolvimento, por isso ainda é cedo para estimar com precisão os níveis de perdas.

Produção de milho – Quadro nacional

A semeadura do milho da primeira safra está em andamento, especialmente na Região Centro-Sul do país. As condições climáticas têm apresentado oscilações importantes, fazendo com que a dinâmica e o ritmo das operações de plantio sejam alterados de acordo com o prognóstico meteorológico. Em algumas áreas, o clima tem sido seco e com baixa umidade no solo, dificultando o cultivo, com registro de redução da produtividade nos estados do Sul. A CONAB projeta um total de 9,5 milhões de toneladas, para o estoque esperado ao fim da safra 2020/21, redução de 9,9% em relação ao período anterior. Dessa maneira, no início de 2021 o Brasil deverá ter milho suficiente para atender a demanda total, por um período de aproximadamente quarenta e cinco dias, a partir de fevereiro de 2021³.



³ Acompanhamento da safra brasileira de grãos, v. 5– Safra 2020, n. 5- Segundo levantamento, Brasília, novembro, 2020.

A busca global da China por grãos modifica padrão do mercado internacional⁴.

A China emerge como o maior comprador de grãos em 2020, quebrando recordes de compra e marcando uma ruptura clara com a história da China. Ajudou a elevar os preços do milho, trigo e cevada, além da soja. Como os preços do milho estão em constante alta e a expectativa é que continuem a subir, assim eleva também os preços dos grãos substitutos, incluindo cevada, sorgo e trigo no mercado internacional. A indústria Chinesa de proteína animal se recuperou após dois anos ruins, um surto de peste suína forçou o abate de centenas de milhões de porcos na China. O país está reconstruindo rapidamente seu rebanho de suínos, de longe o maior do mundo. A oferta interna de milho na China é insuficiente, para a demanda crescente do setor de suínos. As compras futuras de safras da China já estão em níveis recordes. Os compradores reservaram cerca de 17 milhões de toneladas de milho para o ano de comercialização de 2020-21. O apetite voraz da China está abalando o mercado global num efeito cascata. Do lado da demanda, os principais compradores, como produtores de carne, o Brasil já foi prejudicado pela escassez de grãos e pela inflação. A China comprou 3,7 milhões de toneladas de sorgo dos EUA, 1,08 milhão de cevada da França. A China fez uma jogada inteligente ao reservar grãos e oleaginosas antes dos preços dispararem no segundo semestre de 2020. A preocupação com segurança alimentar.

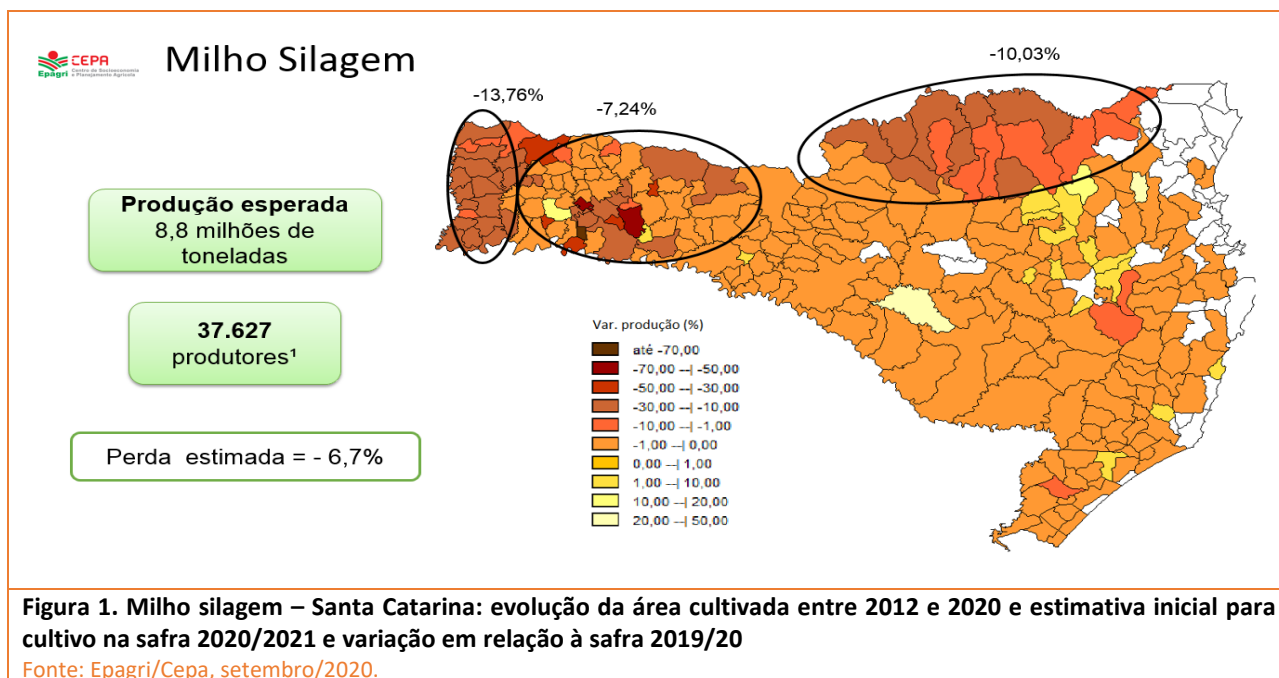
⁴ Analysis: Grain grab - China's global hunt for feed grains roils world market, By Hallie Gu, Maximilian Heath, Naveen Thukral. <https://www.reuters.com/article/china-grains-imports/analysis->

Milho – Silagem

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br
Felipe Jochims
Zootecnista, Dr. – Epagri/Cepaf
felipejochims@epagri.sc.gov.br

Milho para fins de silagem

A área de cultivo tem apresentado um crescimento expressivo em Santa Catarina. Segundo levantamentos da Epagri/Cepa, a área passou de 120.600ha, em 2013/14, para 221.704ha em 2020/21⁵ (Infoagro, nov. 2020). A expansão da área de milho silagem está diretamente relacionada ao expressivo crescimento e importância da produção leiteira em Santa Catarina, o que também é demonstrado pela concentração de produção nas regiões de Concórdia, Chapecó e São Miguel do Oeste com 60% da área cultivada no estado. Em relação a atual safra, o período prolongado de estiagem, com precipitação abaixo da média no inverno, se mantendo ainda em setembro e outubro, já causaram 6,7% de perdas na média estadual considerando-se o período até final de outubro. As regiões mais prejudicadas são o extremo Oeste, com perdas de 13,76% e Chapecó, Concórdia e Xanxerê com registro de perdas de 7,24%. Os dados se referem a última semana de outubro. A continuidade da estiagem nestas regiões já causam redução no rendimento superior a 30% em vários municípios no registro individual. As regiões mais afetadas são aquelas em que as lavouras encontram-se na fase de floração, período sensível a falta de umidade do solo. As chuvas registradas nos dias 9 e 10 de novembro, além de ser em baixa quantidade, não resolvem os problemas, pois as perdas são irreversíveis nesta fase da cultura. As informações serão atualizadas no próximo relatório mensal.



⁵ <https://www.infoagro.sc.gov.br/index.php/safra/producao-vegetal>

Acompanhamento safra – Calendário

O ritmo de plantio de milho para silagem na atual safra está em atraso em relação ao mesmo período da safra passada. A estiagem prolongada de setembro e outubro faz com os produtores adiem a semeadura até o retorno regular das chuvas. As regiões de Lages, Curitibaanos, Joaçaba, São Miguel do Oeste e Xanxerê são aquelas que registram maior atraso no plantio. O atraso poderá inviabilizar a segunda safra, de soja ou feijão em algumas regiões com altitude inferior a 600 metros.

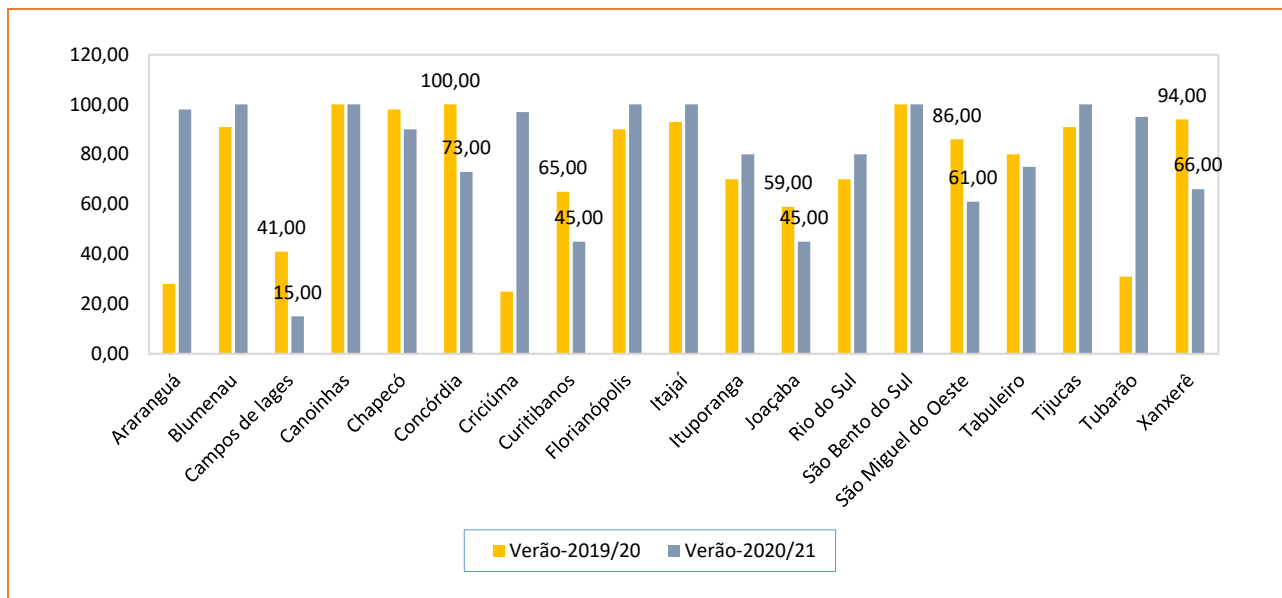


Figura 2. Milho silagem – Santa Catarina: evolução do plantio safra 2020/2021, percentual da área cultivada por microrregião até a última semana de outubro – Epagri/Cepa

Acompanhamento Safra – Situação das lavouras nas regiões⁶.

- **Região Oeste** (Chapecó, Concórdia, São Miguel do Oeste e Xanxerê): De forma geral a estiagem continua. As chuvas registradas entre 5 a 14 mm (8 e 9 de novembro) foram insuficientes. Os plantios ainda estão atrasados em função das condições climáticas inadequadas e as expectativas de redução da produtividade a cada semana vão se somando. As perdas na região devem ultrapassar de 20 a 30%, com tendência de elevação para o próximo relatório. A falta de umidade no período de floração causa efeitos irremediáveis para a qualidade da silagem, devido a uma redução na produção de massa verde, ao contrário do que ocorreria com a falta de chuva nos estádios iniciais entre V4 e V8) das plantas, as quais ainda podem se recuperar (se ainda vivas) de uma falta de chuva, embora isso já acarrete em redução do volume produzido. As perdas nesses estádios existem, porém são menores quando comparadas as perdas ocasionadas pela falta de água na floração, quando não ocorrerá o enchimento dos grãos da espiga. Pelo atraso na semeadura observado nessa safra, muitas lavouras ainda se encontram nesses estágios e já apresentam um “enrolamento” das folhas, indicando déficit hídrico grave. Observando a previsão do tempo, pouca chuva é esperada para os próximos dias, agravando ainda mais a situação. Os percentuais são bem variáveis entre os municípios. Cada semana a situação vai se agravando, mesmo com uma chuva registrada não irá reverter a situação, devido a seu baixo volume. Nessas condições, o que vem se observando é a preocupação dos produtores com a quantidade de alimentos para o rebanho leiteiro para o próximo ano. Com isso, um novo tipo de comercialização, ainda que informal, entre os produtores vem acontecendo. Produtores de lavouras para grão, pela frustração da safra, vem comercializando as lavouras

⁶ Sistema de acompanhamento de safra, calendário. Registro da situação do desenvolvimento da safra na primeira semana de novembro nas diferentes regiões do estado. Epagri/Cepa.

para a produção de silagens a fim de reduzir os custos. Essa aquisição de alimentos de fora da propriedade, aumentam significativamente os custos de produção de leite.

Região do Planalto Norte: (Canoinhas/Mafra). O plantio das áreas de milho silagem foram concluídas antes que as áreas de grãos, a maior parte deste cultivo acontece em pequenas propriedades rurais com destino a alimentação animal. A estiagem já aponta para reduções de rendimento acima de 10% e relação a estimativa inicial em vários municípios da região;

Região Planalto Sul: Curitiba/Campos Novos/Campos de Lages: Os serviços de semeadura estão atrasados e quando já semeadas, a cultura está se desenvolvendo lentamente em função das poucas chuvas em outubro. Chuvas irregulares e geadas localizadas, que acabaram por prejudicar algumas lavouras em áreas mais propícias para a ocorrência do fenômeno. O aumento significativo de plantio ocorreu devido as chuvas que ocorreram na primeira semana de novembro e 9 -10.

Sul do Estado e Litoral: Os produtores concluíram o plantio das últimas áreas. As condições climáticas da semana novamente foram favoráveis (chuvas, calor e o aumento gradativo do fotoperíodo/luminosidade), favorecendo o desenvolvimento vegetativo da cultura na região.

Alto Vale do Itajaí (Rio do Sul e Ituporanga): As plantas já sentem a falta de umidade do solo, porém ainda as lavouras estão regulares. Estima-se que poderemos ter 10% de quebra em função da estiagem, já que no momento 10% a 15% das áreas estão em fase de florescimento, período sensível especialmente para lavouras onde o milho está na fase de desenvolvimento, o que acarretaria uma redução significativa no volume produzido.

- **Meio Oeste** (Joaçaba, Videira e Caçador): Permanece o quadro de estiagem na região, grande parte das áreas cultivadas por milho silagem plantado ainda na fase inicial de desenvolvimento, por isso ainda é muito cedo para dizer se haverá uma grande quebra, exceto com a continuidade da estiagem e morte das plantas. As avaliações no momento apontam para 10% de perda até o momento.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

No mês outubro, os preços da soja em Santa Catarina continuam apresentando variação positiva de 14,8% frente a setembro, registrando, assim, preço médio mensal de R\$145,72/sc. Nos últimos doze meses, a alta foi de 59,22%. Em Mato Grosso, o aumento foi de 19,8% em relação ao mês anterior, comportamento atípico quando se visualiza o histórico do produto. Os preços no mercado interno seguiram em alta no mês de outubro, operando nas máximas nominais e ultrapassando os recordes reais (Figura 1). Os preços praticados no Mato Grosso (MT) estão maiores que os do Sul do Brasil. A logística para exportações da soja do Centro-Oeste elevaram os preços ao produtor naqueles estados. Em 16 de novembro, o preço ao produtor catarinense estava em R\$151,00/sc⁷. Baixos estoques e pouca disponibilidade de soja tornam o mercado especulativo. Desde 2018 o padrão dos preços esteve entre R\$80,00/sc até R\$90,00/sc. Porém, a partir de abril deste ano as cotações ultrapassaram R\$100,00 e seguindo em elevação.

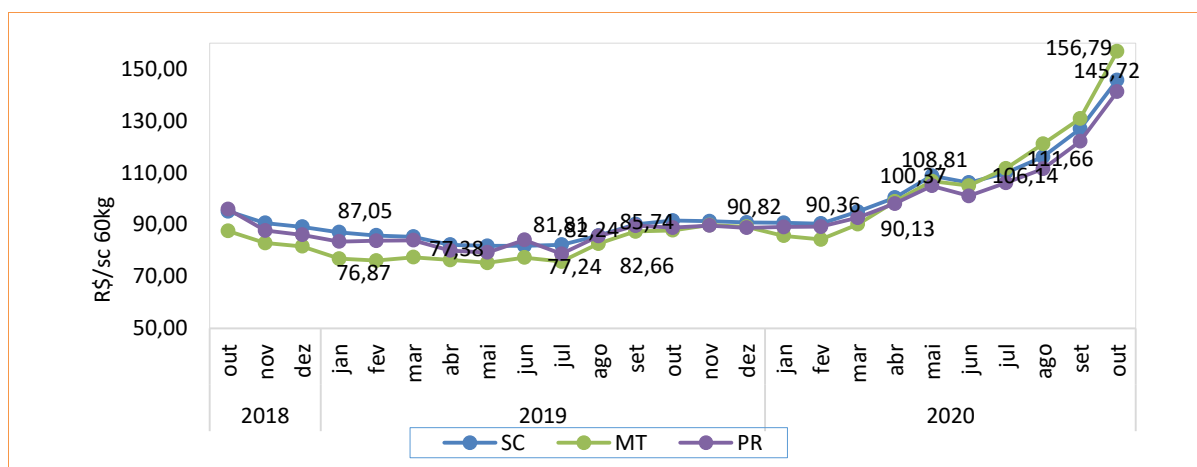


Figura 1. Soja em grão – Santa Catarina, Mato Grosso e Rio Grande do Sul – preço médio mensal ao produtor – out/2018 a set/2020 (corrigido IGP-DI, base set/2020)

Fonte: Epagri/Cepa, setembro/2020; Deral – PR e Agrolink (MT).

Fatores que influenciaram os preços em outubro e início de novembro de 2020

- os preços estão sendo impulsionados pela valorização externa, devido à redução das previsões de produção nos Estados Unidos (no relatório USDA de novembro/2020); pela elevação dos prêmios de exportação, que reflete no baixo excedente interno, e pelas firmes demandas doméstica e internacionais;
- a recuperação da indústria de carne suína chinesa, afetada em função da ocorrência da peste suína africana, estimulou as importações em 2020. A maior parte dessas compras foram do Brasil;
- o Brasil exportou, de janeiro a outubro de 2020, 81,43 milhões de toneladas de soja, contra 65,85 MT em 2019⁸. Mais de 70% tiveram como destino a China;
- o Brasil importou, até outubro de 2020, cerca de 626 mil toneladas, contra 125,3 mil toneladas no mesmo período de 2019 (MDIC – Comexstat, nov./2020), considerado recorde de importação na última década.
- o clima na América Latina está influenciando as cotações da soja no mercado internacional, com chuvas mais regulares favorecendo o desenvolvimento da cultura;

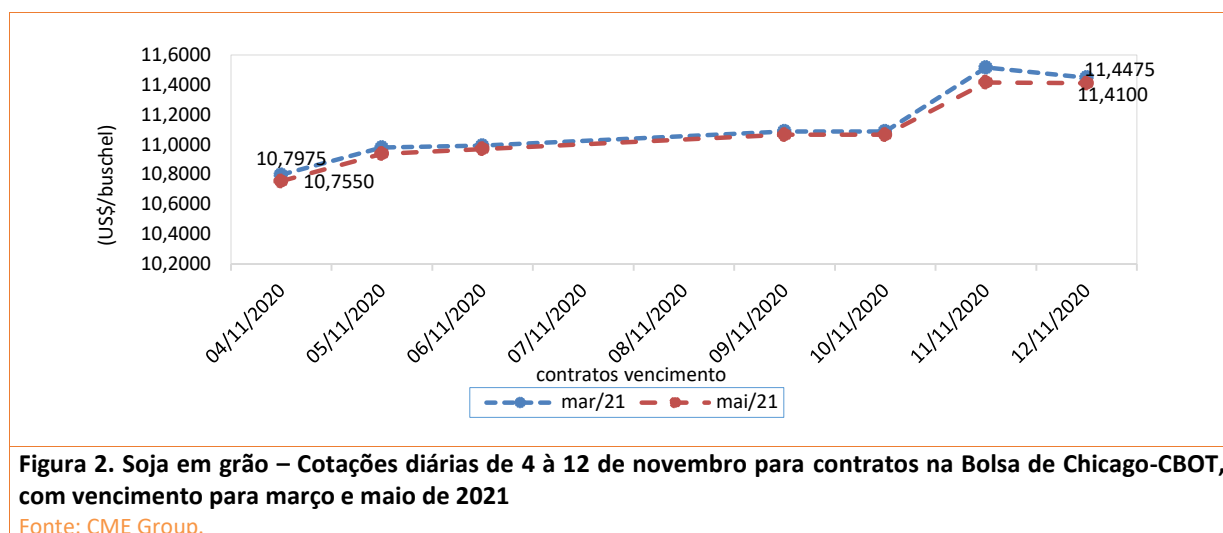
⁷ <https://cepa.epagri.sc.gov.br/index.php/produtos/mercado-agricola/Precos-agricolas-diario-Novembro-2020/>

⁸ <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>. Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura.

- uma possível vacina eficaz contra o coronavirus pode melhorar a economia mundial, influenciando o mercado;
- o resultado das eleições nos EUA poderá alterar o cenário das relações EUA x China e influenciar as cotações do dólar, impactando o mercado das commodities.

Bolsa de Chicago

A dinâmica relacionada com a alta de preços de meados de outubro e novembro é complexa, mas reflete basicamente uma recuperação nas compras de soja dos EUA pela China e a limitada disponibilidade de estoques exportáveis na América do Sul (Brasil e Argentina). Os preços da soja na Bolsa de Chicago chegaram a US\$10,00/bu (buschel=27,216kg) em meados de setembro. A partir daí está se consolidando em um novo patamar. Quando a China redireciona suas compras de soja para os EUA, a Bolsa reage, elevando as cotações. Esta é a primeira vez, desde o início de junho de 2018⁹, que contratos futuros de soja de curto prazo atingiram US\$10,00/bu. De 4 a 12 de novembro as cotações evoluíram cerca de 6%, ultrapassando a marca de US\$11,4/bu (Figura 2). O cenário é de que, as cotações internacionais permaneçam em ascensão no médio prazo, em função dos fatores levantados anteriormente.



Safra catarinense 2020-21

A estimativa inicial para o cultivo da soja indica que 677 mil hectares serão cultivados no estado. O prognóstico inicial aponta para a elevação de 3,14% na área cultivada. Neste ano, a estimativa considera a área de cultivo para a primeira e segunda safras em separado. A segunda safra deverá somar em torno de 30 mil hectares. Portanto, a estimativa da área total a ser cultivada com soja no estado deverá ultrapassar a 700 mil hectares na safra 2020/2021. Com o atraso no plantio de milho em função da estiagem prolongada, algumas áreas poderão migrar para o cultivo de soja, mas com limitação na disponibilidade de sementes no tempo hábil. As perdas até final de outubro estão apresentadas na Tabela 1, indicando uma redução de 0,74% na produtividade. Ressalta-se que este é um relatório preliminar, uma vez que as estimativas de área, produção e rendimento são atualizadas mensalmente pela Epagri/Cepa. Até início de novembro, 47% das lavouras foram semeadas. A maior parte das lavouras no estado está em desenvolvimento vegetativo, ainda sendo cedo para estimar quebra de safra em função da estiagem prolongada de setembro e outubro. Há informações de replantios e lavouras com estande baixo, que poderá afetar o potencial produtivo da cultura. No próximo relatório, serão atualizados os números.

⁹ Oilseeds: World Markets and Trade. Forin Agricultural Service. USDA. October, 2020

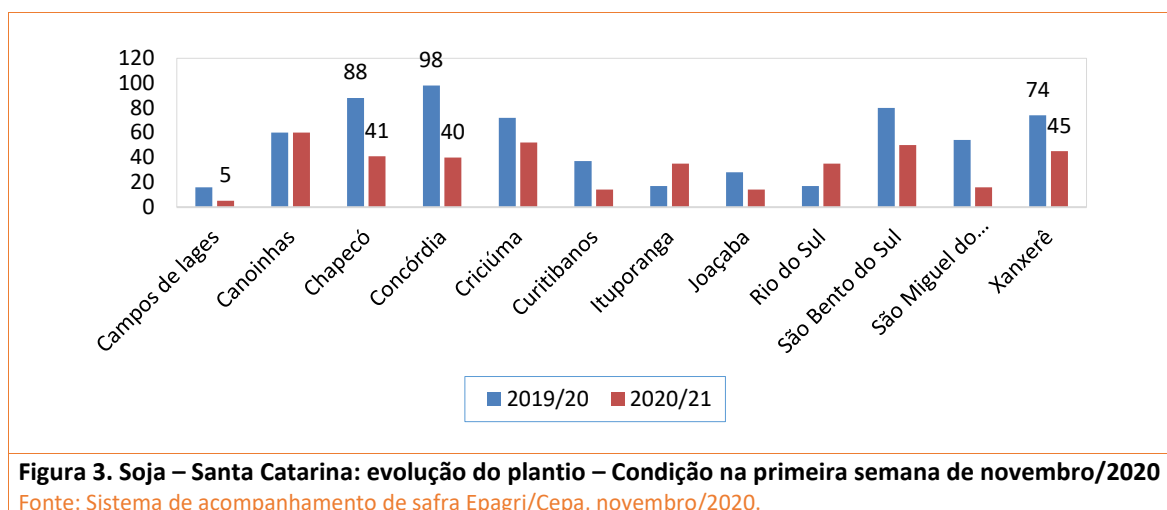
Tabela 1. Soja – Santa Catarina: estimativa inicial e atual da área cultivada (ha), produtividade e produção total – Safra 2020/21

MRG	Safra 2020/21 (estimativa inicial)			Safra 2020/21 (estimativa atual/out.)			Variação %		
	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Quantidade (t)	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Quant. (t)	Área	Produt.	Quant.
Araranguá	580	3.402	1973	580	3.402	1.973	0,00	0,00	0,00
C. de Lages	62.540	3.319	207.582	64.340	3.392	218.242	2,88	2,19	5,14
Canoinhas	138.400	3.804	526.491	140.600	3.804	534.843	1,59	0,00	1,59
Chapecó	80.825	3.385	273.603	86.015	3.233	278.096	6,42	-4,49	1,64
Concórdia	6.055	3.790	22.946	6.195	3.777	23.400	2,31	-0,33	1,98
Criciúma	4.440	3.542	15.728	4.440	3.542	15.728	0,00	0,00	0,00
Curitibanos	111.220	4.151	461.703	111.220	4.151	461.703	0,00	0,00	0,00
Ituporanga	8.350	3.505	29.268	8.350	3.505	29.268	0,00	0,00	0,00
Joaçaba	52.960	3.718	196.888	52.960	3.715	196.758	0,00	-0,07	-0,07
Rio do Sul	5.615	3.440	19.316	5.695	3.438	19.580	1,42	-0,06	1,37
S. B. do Sul	11.300	3.612	40.811	11.800	3.614	42.646	4,42	0,07	4,50
S. M. Oeste	35.459	3.789	134.364	35.459	3.789	134.364	0,00	0,00	0,00
Tubarão	650	3.200	2080	650	3.300	2.145	0,00	3,13	3,13
Xanxerê	138.660	3.496	484.813	149.410	3.456	516.377	7,75	-1,15	6,51
Santa Catarina	657.054	3.679	2.417.566	677.714	3.652	2.475.123	3,14	-0,74	2,38

Fonte.: Sistema de acompanhamento de Safra Epagri/Cepa, novembro/2020.

Acompanhamento da safra - Calendário

A evolução do plantio da soja no estado inicia mais significativamente em outubro e novembro, janela mais adequada para plantio, conforme o zoneamento agroclimático. Em várias regiões, o plantio está registrando atraso em relação à safra 2019/2020 (Figura 3). No estado, cerca de 47% da área estimada já foi semeada. Com as chuvas no início de novembro foram retomados e se intensificamos trabalhos de plantio.



Registro da situação da safra na segunda semana de outubro nas diferentes regiões do estado¹⁰

Região Oeste: As lavouras de soja estão sendo implantadas com mais cautela esse ano em relação aos anos anteriores. As lavouras já emergidas estão desuniformes e com baixo desenvolvimento inicial. A maioria das lavouras estão na fase vegetativa;

¹⁰ Relatos dos agentes de mercado - sistema de acompanhamento de safra (primeira semana de novembro e observações da segunda semana-calendário). O Sistema de Acompanhamento de safra é atualizado a cada mês para área, produção e rendimento das culturas. Epagri/Cepa.

Região Planalto Norte: (Canoinhas/Mafra): Os trabalhos devem se intensificar a partir das chuvas da segunda semana de novembro (9 a 13). As áreas plantadas anteriormente tiveram com boa germinação (bom stand). Entretanto, em algumas áreas a falta de chuvas nas semanas anteriores (outubro) a germinação foi irregular, alterando as condições das lavouras. A janela de plantio se estende até o início de dezembro, não sendo, ainda, possível estimar redução de rendimento.

Região Planalto sul: Curitiba/Campos Novos/Campos de Lages: Clima seco na região. Semana de tempo seco, com alguma chuva esparsa e ocorrência de geadas localizadas. A expectativa é que as condições climáticas permitam a conclusão dos trabalhos dentro da melhor janela para o plantio. Caso ocorram chuvas na segunda semana de novembro, deverão se intensificar os trabalhos de semeadura. As lavouras já germinadas estão apresentando problemas de estande e pouco desenvolvimento. Perdas não consideradas até período da segunda semana de novembro;

Região Sul: os produtores seguem com o plantio. As condições climáticas continuam favoráveis (chuvas, calor e o aumento gradativo do fotoperíodo/luminosidade), favorecendo tanto as atividades de plantio quanto o desenvolvimento vegetativo das lavouras.

Alto Vale do Itajaí (Rio do Sul e Ituporanga): Iniciando o plantio na região, que deve ser intensificado nas próximas semanas. As chuvas verificadas na semana de 9 a 13 melhoram as expectativas;

Meio-Oeste (Joaçaba, Videira e Caçador): plantio em andamento, porém está em atraso em função da estiagem. Deverá ser retomado com o retorno das chuvas.

Cenário Nacional da Safra 2020/2021.

O plantio da safra atual está em andamento na maior parte das regiões produtoras. As oscilações climáticas têm impactado o ritmo das operações. No entanto, a previsão ainda é de cultivo dentro da janela ideal, à medida que as chuvas estão ficando mais regulares. No Sul, a estiagem já está impactando nos rendimentos, mas ainda é cedo para quantificar perdas. A expectativa se mantém otimista para o desempenho da safra, respaldada pela forte demanda chinesa, câmbio favorável e preços em bom patamar, criando um cenário em que os produtores poderão investir mais em tecnologia e melhores cuidados na condução e manejo dos cultivos. Os preços nacionais continuam pressionados pelos preços internacionais na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT), pelos prêmios de portos, que já ultrapassaram os valores recordes de 2018, pelo dólar ainda alto e pela baixa disponibilidade de produto para entrega imediata. A comercialização da safra 2019/20 alcançou cerca de 99% da produção. Com isso, a cotação média nacional ao produtor, de acordo com a Conab, fechou outubro em R\$141,63, valorização mensal de 14,3%¹¹.



Figura 4. Soja – Brasil: Evolução do plantio

Fonte: CONAB, Acomp. safra brasileira de grãos, novembro, 2020.

¹¹ Acomp. safra brasileira de grãos, v. 5– Safra 2020, n. 5- Segundo levantamento, Brasília, p. 1-75, Novembro 2020.

Trigo

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Em outubro, os preços do trigo fecharam em alta no mercado catarinense. O dólar elevado e a maior procura pelo produto nacional por parte dos compradores (moinhos), sustentaram as cotações em patamares elevados. No acumulado do mês, os valores médios da saca de 60kg, pagos aos produtores catarinenses, avançaram 10,08%. Para os produtores paranaenses, a variação foi positiva em 10,57% e para os gaúchos, alta de 18,02%. Em comparação a outubro do ano passado, em termos nominais, os produtores catarinenses estão recebendo cerca de 58% a mais por sua produção.

A indústria moageira segue realizando compras pontuais e com dificuldades em repassar preços. Segundo dados do Cepea, para os derivados de trigo, como farinhas e farelos, o mercado também está bastante aquecido e com procura elevada. Farinhas destinadas à bolacha doce, panificação, massas em geral e bolacha salgada, tiveram valorização mensal de 4,84%, 3,31%, 2,93% e 2,74%, respectivamente. Para o farelo de trigo, a elevação no preço foi de 13,4% para o produto a granel e de 10,2% para o ensacado.

Tabela 1. Trigo grão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor – (R\$/60kg)

Estado	Out/20	Set/20	Variação mensal (%)	Out/19	Variação anual (%)
Santa Catarina	66,27	60,20	10,08	41,86	58,3
Paraná	68,61	62,05	10,57	44,58	53,9
Mato Grosso do Sul	66,82	61,14	9,29	44,07	51,6
Goiás	72,00	72,14	-0,19	51,00	41,2
Rio Grande do Sul	68,96	58,43	18,02	39,97	72,5

Nota: Trigo Pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, GO e RS), novembro/2020.

Safra nacional

A cultura de trigo é a lavoura de inverno que possui maior destaque na produção nacional. Segundo dados da Conab, para esta safra foram destinados ao plantio de mais de 2,3 milhões de hectares, com uma produção esperada de aproximadamente 6,4 milhões de toneladas. As operações de colheita estão em fase avançada, chegando, no final de outubro, a mais de 80% da área total colhida. Em relação à safra passada, o rendimento médio tem sido superior, devido às melhores condições climáticas (apesar da ocorrência de eventos climáticos extremos, como geadas e estiagens nas Regiões Sul e Sudeste).

O estado do Paraná, maior produtor nacional de trigo, deverá produzir nesta safra mais de 3 milhões de toneladas, volume 44,9% maior que o da safra anterior. Segundo dados do Deral/PR, o baixo volume de chuvas tem contribuído com as operações de colheita, que avança em ritmo acelerado. A produtividade média, até o momento, tem sido superior àquela obtida na safra anterior, mesmo com a ocorrência pontual de geadas, granizo e alguns períodos de estiagem durante o ciclo da cultura.

No Rio Grande do Sul, segundo dados da Emater/RS, a colheita da safra avançou significativamente em outubro, alcançando 37% da área total. Do que está a campo, 49% encontra-se em fase de maturação; 11% em enchimento de grãos e apenas 3% em floração. O avanço nas operações de colheita se deve, sobretudo, à ocorrência de poucas chuvas e temperaturas altas, que permite a obtenção de grãos com umidade bastante reduzida. Por outro lado, essas mesmas condições poderão reduzir o potencial produtivo das lavouras que estavam em fase anterior à maturação. Ainda assim, com o expressivo aumento da área plantada nesse ciclo, a previsão é de uma produção de aproximadamente 2,4 milhões de toneladas, aumento de 8,3% em relação à safra anterior.

Na Região Sudeste, Minas Gerais e São Paulo são os estados que se destacam na produção de trigo. Nessa região, a triticultura é manejada tanto em condição de sequeiro como em sistema irrigado. Segundo dados da Conab, as lavouras apresentaram desenvolvimento satisfatório nesta safra, mesmo com registros de problemas climáticos em algumas regiões. Em Minas Gerais, a colheita está finalizada e a produção foi superior à temporada anterior, especialmente pelo incremento na produtividade média. Já São Paulo, também com colheita finalizada, apresenta um acréscimo de 16,9% na produção final em comparação a 2019. O grão colhido apresentou boa qualidade, com PH acima de 79 em boa parte das áreas.

Na Região Centro-Oeste, a cultura tem se adaptado às condições de cerrado, principalmente após anos de investimentos e pesquisas da Embrapa, seja no melhoramento genético, como no manejo do solo, da água e da planta. Segundo a Conab, o cultivo do cereal têm demonstrado bons resultados nas últimas safras. Nesta temporada, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal destinaram área para a triticultura, com perspectiva de uma produtividade média regional acima dos 3.200 kg/ha.

Safra catarinense

Em Santa Catarina, a colheita está em andamento, alcançando, no final de outubro, 55,56% da área plantada. As geadas ocorridas em agosto e a estiagem observada em setembro e outubro tiveram impactos em algumas áreas, reduzindo a produtividade média das lavouras. A estimativa atual é de uma redução de 4% no rendimento médio em comparação à safra 2019/20. Atualmente, as lavouras remanescentes estão em fase de floração (6,0%) e maturação (94%), com previsão de finalização da colheita para a primeira quinzena de dezembro.

Na análise regional, a situação mais crítica é a da Região Extremo Oeste, onde a colheita segue em ritmo acelerado. Devido à estiagem prolongada, as plantas começam a secar rapidamente. A produtividade média estimada não deverá passar de 2.600kg/ha. Para a Região Oeste, a situação não é diferente. Nas microrregiões (MRG) de Chapecó, Concórdia e Xanxerê, a colheita segue para seu final. A ocorrência de geadas e a falta de chuvas comprometeram o rendimento médio das lavouras, que deverá variar entre 2.600 a 2.900kg/ha, com PH variando de 72 a 80.

Na região Meio Oeste, que compreende as MRG de Joaçaba e Curitibaanos, a estiagem tem acelerado o encerramento do ciclo de desenvolvimento das plantas de trigo em cerca de 15 dias. A colheita está em andamento, com produtividade variando de 3.100 a 3.600kg/ha. Contudo, há relatos de produtividade de até 4.200kg/ha, mas também de 2.400kg/ha. O fenômeno *La niña*, que se caracteriza por um período de baixa precipitação e chuvas mal distribuídas, provoca situações bastante distintas de produtividade para produtores de uma mesma região. Para os produtores dessa região, a qualidade da safra colhida está surpreendendo positivamente (com PH 79 e acima).

No Planalto Norte, que abrange as MRG de Canoinhas e São Bento do Sul, a estiagem favoreceu o bom andamento das operações de colheita. A produtividade média das lavouras colhidas é boa, variando entre 3.600 e 3.800kg/ha, e com boa qualidade do produto (PH acima de 78 para a maioria das lavouras). Na região do Alto Vale do Rio Itajaí, que compreende as MRG de Rio do Sul e Ituporanga, a estiagem ocorreu com menor intensidade, com a colheita praticamente encerrada. As lavouras colhidas vem apresentando rendimentos normais para a região, com produtividades variando entre 2.400 a 2.600kg/ha.

Em relação ao levantamento estadual, observa-se que, apesar dos problemas climáticos, o significativo aumento de 15% na área plantada tem sustentado o incremento de 20% na produção estadual de trigo. Com o agravamento da estiagem, a produtividade média deve reduzir consideravelmente a cada levantamento realizado. Até o momento, em relação à safra anterior é estimado um aumento de produtividade de apenas 4%. Na temporada 2019/20, a safra foi igualmente comprometida por estiagem, que prejudicou as lavouras no início de sua implantação.

O clima, de maneira geral, comprometeu as boas expectativas que existiam no início da safra, sobretudo pelo bom momento para as *commodities*, com mercado aquecido, demanda crescente pelo cereal e preços elevados. Por todo estado, haverá produtores comemorando os bons preços praticados, mas também lamentando as baixas produtividades alcançadas em função de adversidades climáticas.

Tabela 2. Trigo grão – Comparativo de área plantada, produção e produtividade – Safras 2019/20 e 2020/21

Microrregião	Safra 2019/20			Estimativa Safra 2020/21			Variação (%)		
	Área Plantada (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produt.
Campos de Lages	924	2.158	2.335	1.354	3.240	2.393	47	50	2
Canoinhas	9.500	35.419	3.728	13.300	50.274	3.780	40	42	1
Chapecó	11.584	34.323	2.963	12.563	37.359	2.974	8	9	0
Concórdia	706	1.985	2.812	781	2.187	2.800	11	10	0
Curitibanos	7.301	23.268	3.187	9.040	32.754	3.623	24	41	14
Ituporanga	840	2.078	2.474	781	2.032	2.601	-7	-2	5
Joaçaba	3.848	10.939	2.843	3.987	12.383	3.106	4	13	9
Rio do Sul	200	485	2.425	250	605	2.420	25	25	0
São Bento do Sul	500	1.710	3.420	700	2.551	3.644	40	49	7
São M. do Oeste	3.748	8.100	2.161	4.595	11.870	2.583	23	47	20
Xanxerê	11.650	34.309	2.945	10.951	30.246	2.762	-6	-12	-6
Santa Catarina	50.801	154.774	3.047	58.302	185.501	3.182	15	20	4

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2020.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiguigel@epagri.sc.gov.br

Com precipitações abaixo da média histórica em praticamente todo o ciclo da cultura, os produtores de alho em Santa Catarina estão chegando ao da safra com variações importantes na produtividade. Muito dessa variação é decorrente da infraestrutura de irrigação e armazenagem de água de cada propriedade. Outro fator que influenciou as lavouras foram os eventos extremos que ocorreram durante o desenvolvimento da cultura, que em alguns municípios, a exemplo de Frei Rogério, castigaram severamente algumas lavouras.

O conjunto de eventos adversos, como granizo, ciclone e falta de chuva, terá reflexos na produção total de alho em Santa Catarina. Com o avanço da colheita, os dados vão sendo conhecidos com mais precisão. A estimativa de perdas, atualizada pela Epagri/Cepa no início de outubro, é de aproximadamente 15,4% em relação à estimativa inicial da safra. Sendo assim, a produção de alho em Santa Catarina deverá ser de aproximadamente 17,8 mil toneladas.

Por outro lado, apesar dos percalços das intempéries, do ponto de vista sanitário o produto colhido apresenta boa qualidade, embora a presença de bulbos de menor calibre deprecie comercialmente o produto.

Preço

No mercado atacadista da Ceagesp, unidade do município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado na primeira semana de outubro a R\$14,64/kg, fechando o mês em R\$13,55/kg, redução de 7,44% no mês.

O alho classe 6, no mesmo período, passou de R\$16,99/kg para R\$16,50/kg, redução de 2,88%, e o alho classe 7 fechou outubro a R\$18,50/kg, aumento de 3,09% em relação ao início do mês.

Na primeira semana de novembro, os preços, para todas as classes do alho roxo nacional, tiveram nova redução em relação ao final de outubro, sendo de 4,98% para o alho classe 5, 7,59% para o alho classe 6, e 5,41% para o alho classe 7.

No caso do alho chinês, o preço no atacado, em outubro, oscilou entre R\$13,50/kg e R\$14,00/kg, fechando o mês neste valor. Porém, abriu o mês de novembro a R\$ 13,00/kg, se mantendo até o fechamento deste boletim. O alho chinês, apesar de ser de qualidade inferior e ser taxado em US\$0,78/kg, é o principal responsável pela redução de preços.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o alho nobre nacional, classes 4 e 5, que foi comercializado em setembro a R\$14,00/kg, fechou o mês de outubro a R\$12,50/kg, redução de 10,71%.

O alho classes 6 e 7, que finalizou o mês de setembro a R\$19,74/kg, se manteve em outubro a R\$16,00/kg, redução de 18,94% no mês.

Produção

A safra catarinense de alho está em desenvolvimento, sendo que 15% da área plantada está na fase final de formação dos bulbos e 85% na fase de maturação ou colheita. As condições das lavouras, em termos fitossanitários, são consideradas boas em 80% da área plantada no estado. Nos 20% restantes, as condições

são de médias a ruim, em função da severidade das perdas propiciadas por granizo, ciclone e falta de chuvas.

Por outro lado, embora a maioria dos produtores possua infraestrutura de irrigação, nem todas as propriedades tiveram água disponível em volume suficiente para manter as boas condições de desenvolvimento da cultura. Desta forma, a safra tem maior presença de bulbos de calibre menor em relação a uma safra normal, acarretando perda na qualidade comercial do produto.

Comércio exterior

Em outubro, a China manteve a posição de maior fornecedora de alho ao Brasil, inclusive ampliando sua participação, seguida pela Espanha e Egito.

Como pode ser observado na Tabela 1, nos meses de maio, junho e julho as importações foram acima dos volumes médios mensais dos últimos quatro anos. Porém, nos meses de agosto, setembro e outubro os volumes foram menores, sinalizando possível tendência de permanência dentro das médias mensais históricas no restante do ano. De qualquer maneira, neste ano o volume de importações de alho será o maior dos últimos quatro anos.

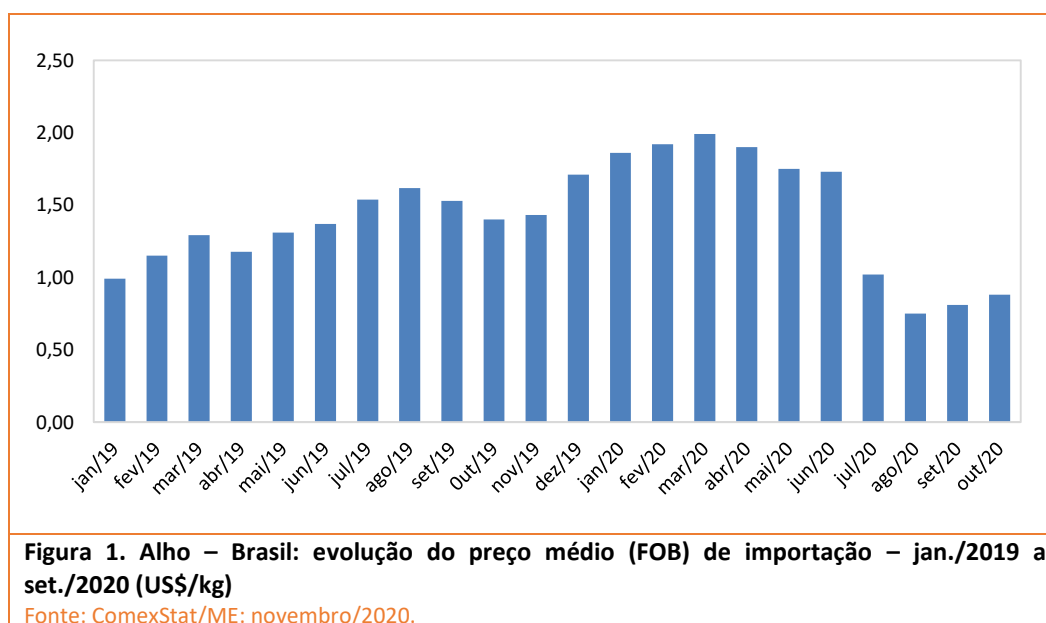
Até o mês de outubro, o Brasil internalizou 162,71 mil toneladas do produto, enquanto no mesmo período do ano passado o volume foi de 137,06 mil toneladas, crescimento de 15,76% no período (Tabela 1).

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de jan./2017 a out./2020 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,81
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,43
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,92	23,33	15,93	12,02	9,39	-	-	162,71

Fonte: Comexstat/ME: novembro/2020.

O preço médio (FOB) do alho importado em outubro continuou com pequena recuperação em relação ao mês passado. Porém, ficou ainda muito abaixo dos patamares de jan./19 a jul./20. Em relação ao mês passado, o aumento foi de 8,64%, passando de um preço médio de US\$0,81/kg, para US\$ 0,88/kg (Figura 1).



Na Figura 2 é apresentada a evolução da quantidade de alho internalizada e o desembolso mensal de janeiro de 2019 a outubro de 2020, pelo Brasil. Destaca-se a queda vertiginosa do preço do produto no mercado internacional a partir de junho, apesar da pequena recuperação dos últimos dois meses. Essa situação foi provocada pela forte presença do alho chinês nas importações brasileiras. Outro fator, segundo a Associação Nacional de Produtores de Alho (ANAPA), foram algumas liminares que importadores conseguiram na justiça para isenção do pagamento da taxa antidumping, que é de US\$0,78/kg, puxando o preço do alho pra baixo.

Em outubro, o volume total importado foi de 9,39 mil toneladas, redução de 21,81% no volume em relação a setembro. Comparada com outubro de 2019, quando a importação foi de 11,17 mil toneladas, a redução é de 15,83%.

O desembolso com a importação no mês de outubro foi de US\$8,23 milhões (FOB), redução de 14,98% em relação a setembro, puxado pelo menor volume importado, visto que o preço médio (FOB) foi maior em relação ao mês anterior. (Figura 2).

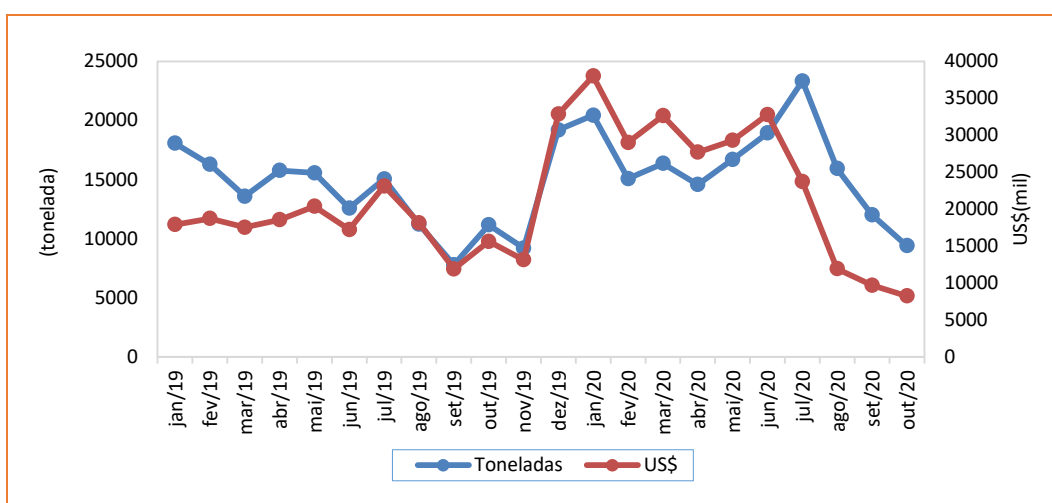


Figura 2. Alho – Brasil: volume e valores da importação de jan./2019 a set./2020

Fonte: ComexStat/ME: novembro/2020.

Em outubro, os principais fornecedores de alho para o Brasil foram a China, com 8,93 mil toneladas, representando 95,10% do total importado, a Espanha, com 0,234 mil toneladas, 2,49% do total, o Egito, com 0,18 mil toneladas, significando 1,98%, e a Argentina, com 0,04 mil toneladas, ou 0,43% do total (Figura3).

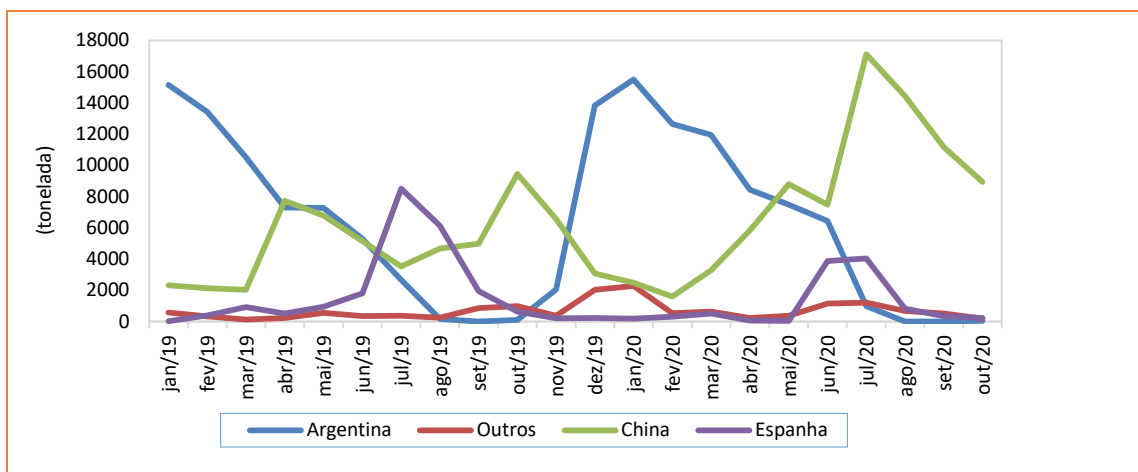


Figura 3. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores de jan./2019 a set./2020 (t)

Fonte: Comexstat/ME: novembro/2020.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

A safra catarinense de cebola foi afetada, em algumas regiões, pelos eventos climáticos extremos no período de desenvolvimento vegetativo. As perdas, contudo, foram localizadas e sem grande impacto para a cultura. Porém, nos últimos 60 dias, com a permanência de precipitações abaixo das médias históricas, os efeitos negativos no enchimento dos bulbos começaram a ser notados, especialmente nas lavouras cultivadas com variedades superprecoces, pois foram afetadas diretamente no período de enchimento dos bulbos. Mesmo com muitas propriedades dotadas de infraestrutura para a irrigação, o limite passou a ser a disponibilidade de água nos mananciais.

Preços e mercado

O mês de outubro iniciou com cotações da cebola em alta, chegando no atacado a R\$1,73/kg na Ceagesp e R\$2,00/kg na Ceasa/SC de São José. Porém, o mercado teve oscilações, com baixa nos preços devido a estratégia dos produtores para acelerar o escoamento da produção do Cerrado, visando se antecipar ao período das chuvas. A baixa qualidade dos bulbos disponibilizados no mercado pelo Cerrado, provocada pelo ressecamento da casca devido as altas temperaturas, e a maior oferta de cebola nordestina no Centro Oeste, também contribuíram para a redução das cotações. Na semana de 12 a 16/10, em Cristalina (GO) e no Triângulo Mineiro os preços fecharam a R\$22,25 (-9,5%) e a R\$ 21,50/saca de 20 kg (-15,3%), respectivamente, em relação à semana anterior. As informações são da HF do Cepea.

Na Ceagesp/SP, a cebola iniciou o mês de outubro com preço em alta, mas redução a partir do dia 20. O fechamento do mês foi com recuperação de preços, que se mantiveram nas primeiras semanas de novembro. No dia 30/10, o preço no atacado foi de R\$1,72/kg, crescimento de 10,96% em relação ao dia 28/10. Na primeira semana de novembro, no dia 04, o preço foi de R\$1,95/kg e no dia 06/11 foi de R\$2,48/kg, aumento de 13,37% e 44,18% em relação ao dia 30/10, respectivamente.

No atacado da Ceasa/SC (Unidade de São José, SC), o mês de outubro iniciou com preço da cebola a R\$2,00/kg, porém reduzindo a partir do dia 23/10 para R\$1,50/kg, e fechando o mês com este valor. A partir da segunda semana de novembro, os preços reagiram fechando a R\$1,90/kg no dia 11.

Safra catarinense

A safra catarinense de cebola está em pleno desenvolvimento, com aproximadamente 30% em maturação. A colheita das variedades superprecoces cultivadas na Região do Alto Vale do Itajaí já iniciou. Segundo levantamento de campo da Epagri/Cepa, a safra apresenta em torno de 40% de bulbos caixa 2, (diâmetro de 35 a 50mm) sendo grande a preocupação dos produtores.

Na região do Alto Vale do Itajaí, principal região produtora de cebola em Santa Catarina, as chuvas que ocorreram na semana de 09 a 13/11 contribuíram para amenizar a situação do déficit hídrico, melhorando relativamente as condições de desenvolvimento para as lavouras de cebola mais tardias, em termos de calibre dos bulbos.

A alta porcentagem de bulbos de baixo calibre (Caixa 2) também se registra nas Microrregiões do Tabuleiro, especialmente no município de Alfredo Wagner e na Microrregião de Tijucas.

Importação

De janeiro a outubro, o Brasil importou 196,8 mil toneladas de cebola, volume próximo da importação do ano passado, que foi pouco acima de 211 mil toneladas. O comportamento das importações no corrente

ano foi influenciado pelos volumes internalizados nos meses de abril, maio e junho, que comparativamente tiveram volumes acima dos mesmos meses dos anos anteriores. Com as perspectivas de importações para este ano, o volume anual ficará nos patamares históricos das importações do país (Tabela 1).

Tabela 1. Cebola – Brasil: importações de jan./2018 a out./2020 (mil t)

Ano	Jan	Fev.	Mar	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set	Out	Nov.	Dez	Total
2018	417	6.549	22.546	37.380	34.323	14.422	162	115	115	230	491	1.136	117.886
2019	831	6.464	25.176	51.765	33.103	28.366	15.297	14.272	21.211	12.705	1.557	773	211.520
2020	58	218	13.860	48.370	74.214	48.347	7.788	1.364	555	2.045	-	-	196.819

Fonte: ComexStat/ME – novembro/2020.

Em outubro, foram importadas 2.045 toneladas de cebola, aumento de 268,46% em relação ao mês de setembro, com desembolso total de US\$740 mil (FOB).

Em comparação com outubro de 2019, quando as importações somaram 12.705 toneladas, o aumento foi de 521,27% (Figura 1). Embora tenha ocorrido redução de 9,5% no preço de outubro em relação a setembro, passando de US\$0,40/kg para US\$0,36/kg, o valor se mantém praticamente no dobro do valor médio por kg, que até julho era em torno de US\$0,21/kg.

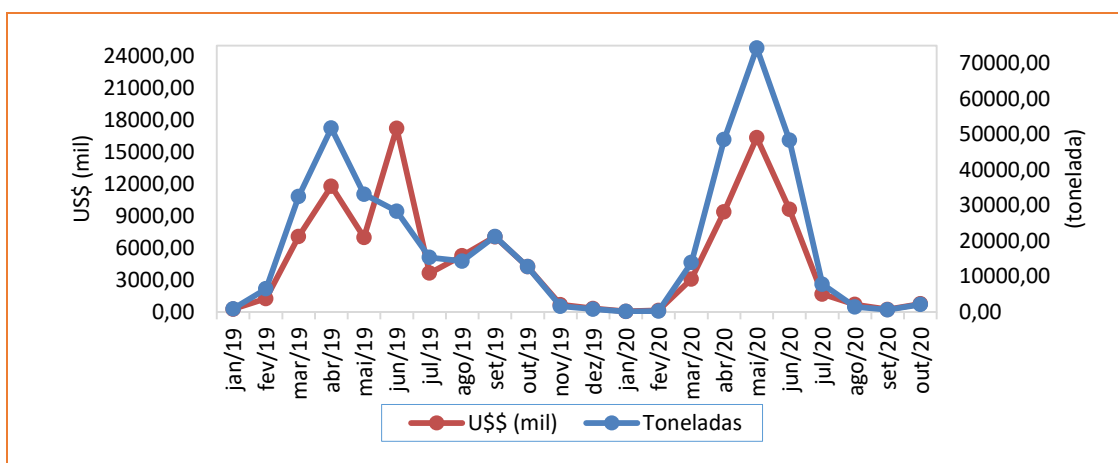


Figura 1. Cebola – Brasil: importação mensal de jan./2019 a out./2020

Fonte: ComexStat/ME – novembro/2020.

Os principais fornecedores foram a Espanha, com 1,15mil toneladas, ou 56,42% do total, a Holanda, 0,84 mil toneladas, 41,04%, e o Reino Unido, com 0,05 mil toneladas, ou 2,54% do total (Figura 2).

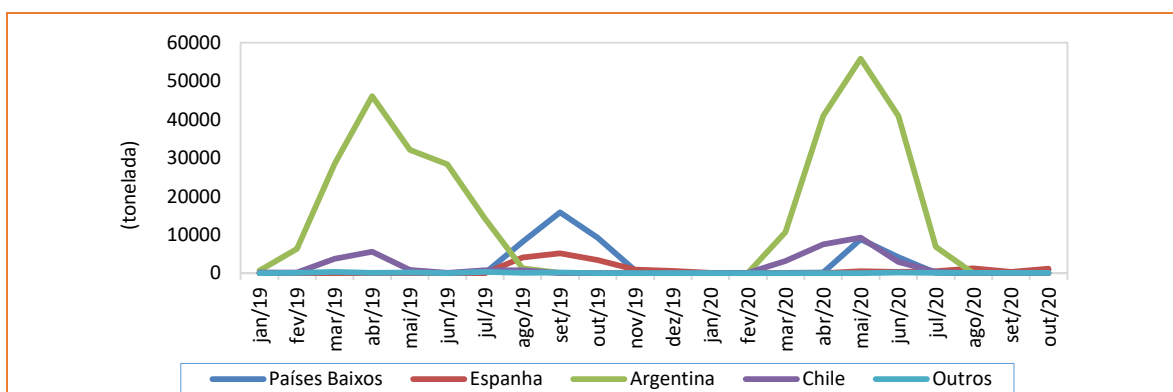


Figura 2. Cebola – Brasil: volume importado dos principais países fornecedores – jan./2019 a out./2020

Fonte: ComexStat/ME – novembro/2020.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas duas primeiras semanas de novembro registraram-se variações positivas nos preços do frango vivo em todos os estados analisados neste boletim. Em relação a outubro, as altas foram de 5,6% em São Paulo, 5,1% no Paraná e 1,9% em Santa Catarina.

Na comparação com os preços praticados em novembro de 2019, observam-se variações positivas bastante expressivas: 40,6% no Paraná e 20,7% em Santa Catarina¹². A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 3,9%, de acordo com o IPCA/IBGE.

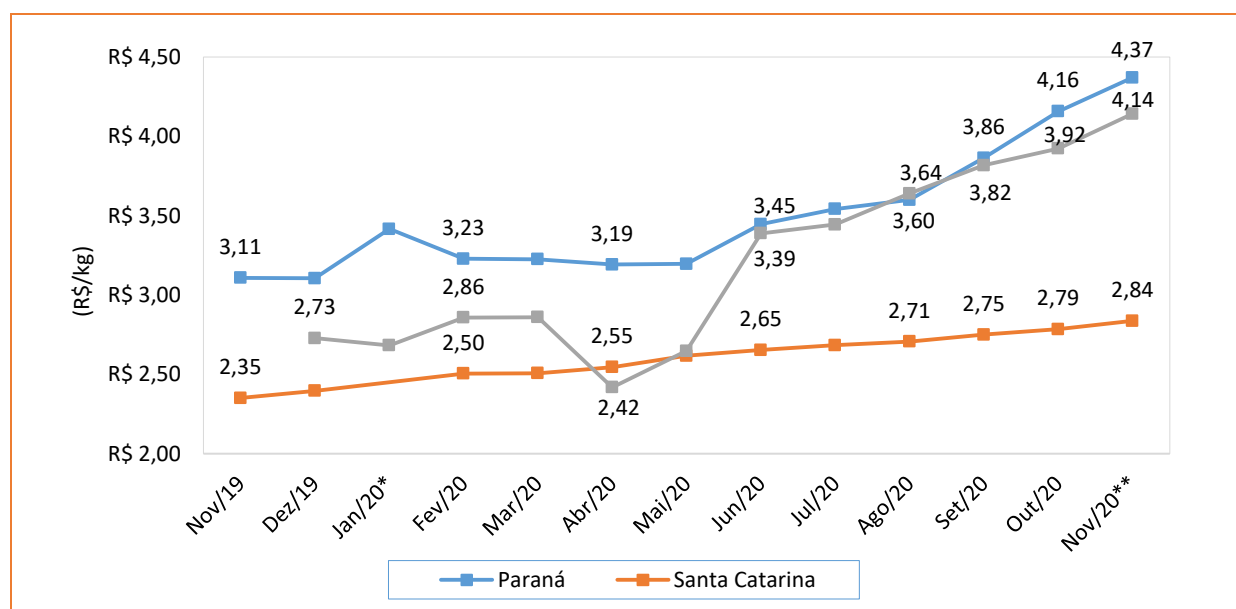


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, Paraná e São Paulo: preço médio mensal aos avicultores (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Preço de janeiro/2020 de Santa Catarina não disponível.

** Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/nov./2020.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR); IEA (SP).

Essa tendência de alta deve-se, em grande parte, ao crescimento da demanda por carne de frango no mercado interno. Em função da crise econômica e dos expressivos aumentos nos preços das demais carnes, parcela significativa dos consumidores tem optado pelo frango. Também contribuiu nesse processo a concessão do auxílio emergencial ao longo dos últimos meses, o que injetou bilhões de reais na economia, em grande parte utilizados para a aquisição de alimentos.

Em Santa Catarina, duas das três praças de levantamento de preços registraram altas nas duas primeiras semanas de novembro em relação ao mês anterior: 3,5% em Chapecó e 1,9% no Sul Catarinense. O preço de Joaçaba permaneceu inalterado no período. Na comparação com os preços praticados em novembro de 2019, as variações são expressivas em todas as praças: 32,5% em Chapecó, 21,1% no Sul Catarinense e 8,5% em Joaçaba.

¹² Não há dados de São Paulo disponíveis para o mês de novembro de 2019.

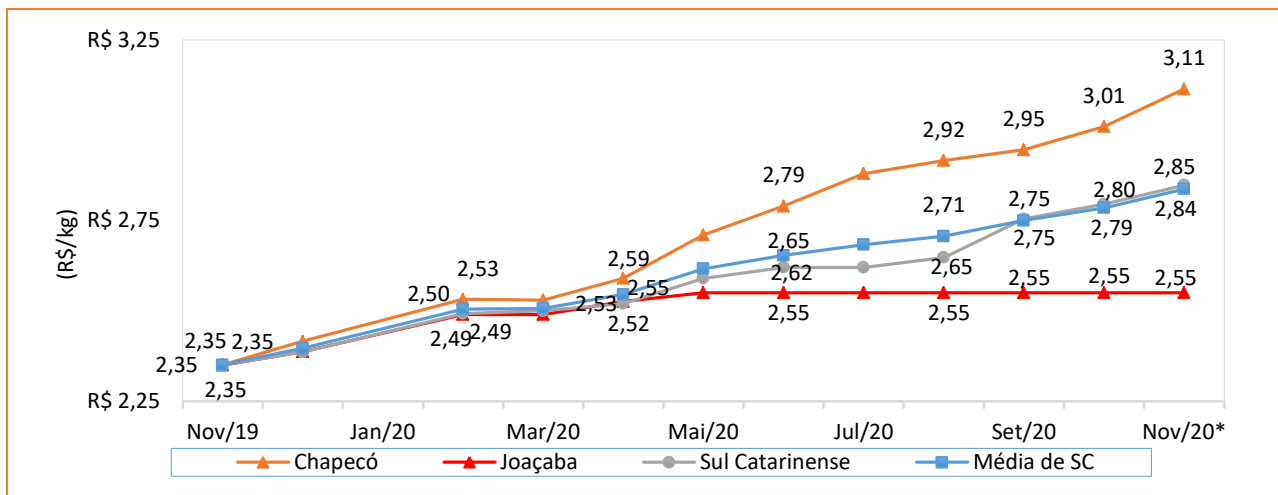


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/nov./2020.

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2020.

Assim como vem ocorrendo desde meados deste ano, no início de novembro registraram-se altas nos preços de atacado de todos os quatro cortes acompanhados pela Epagri/Cepa, quando comparados ao mês anterior: peito com osso congelado (9,8%), filé de peito congelado (7,5%), coxa/sobrecoxa congelada (6,8%) e frango inteiro congelado (3,9%). A variação média foi de 7,0%, atrás apenas de outubro, quando os quatro cortes apresentaram alta de 9,0%.

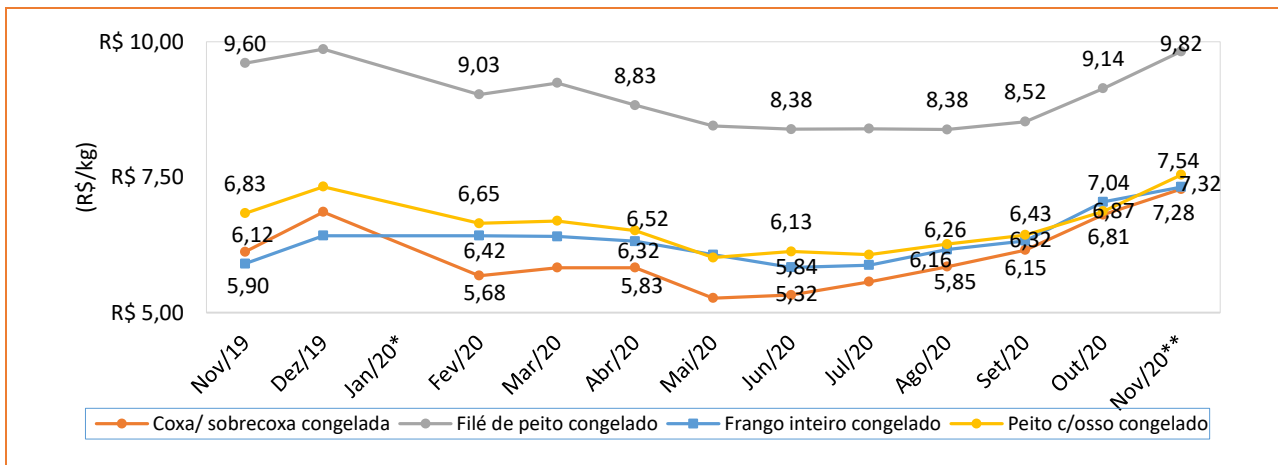


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Preços do mês de janeiro/2020 não disponíveis.

** Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/nov./2020.

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2020.

Quando se comparam os valores preliminares de novembro e do mesmo mês de 2019, todos os cortes apresentam altas, a maioria bastante significativas: frango inteiro (24,0%), coxa/sobrecoxa (19,0%), peito com osso (10,4%) e filé de peito (2,3%). Na média, a variação foi de 13,9%.

Embora a carne de frango apresente altas expressivas, as variações das proteínas concorrentes são ainda maiores, o que torna esse produto mais competitivo e favorece a tendência de migração do consumo. Segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea – Esalq/USP), a atual diferença entre os preços da carne de frango e os das concorrentes é a maior da série histórica, iniciada em 2004, em termos reais (ou seja, já considerando a inflação do período).

Contudo, segundo o presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) as altas do milho e da soja não se constituem em fenômeno de curto prazo e devem resultar em um novo patamar de preços das carnes de frango e suína nos próximos anos.

Custos

Os custos com nutrição animal são a principal preocupação dos avicultores nos últimos meses, especialmente em função do recente comportamento dos preços do farelo de soja e do milho, principais componentes das rações.

Em outubro, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICP Frango), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, apresentou alta de 8,9% em relação ao mês anterior. Considerando-se os últimos 12 meses, o índice acumula alta de 37,4%, decorrente, principalmente, da elevação dos custos com alimentação (31,4%) e pintos de 1 dia (4,9%).

Apesar dos preços do frango vivo registrarem tendência de alta ao longo de 2020, a relação de equivalência insumo-produto também apresentou elevação, concentrada no 2º semestre. Isso significa que, embora a ave esteja valendo mais, a quantidade de frango vivo necessária para adquirir uma saca de milho no atacado tem aumentado nos últimos meses. O valor preliminar de novembro apresenta alta de 17,8% em relação ao mês anterior, principalmente em função do aumento de 21,9% no preço do milho no atacado, parcialmente compensado pela variação de 3,5% na cotação do frango vivo, ambos na praça de Chapecó. O valor atual da relação de equivalência é 58,1% maior que aquele registrado em novembro do ano passado.

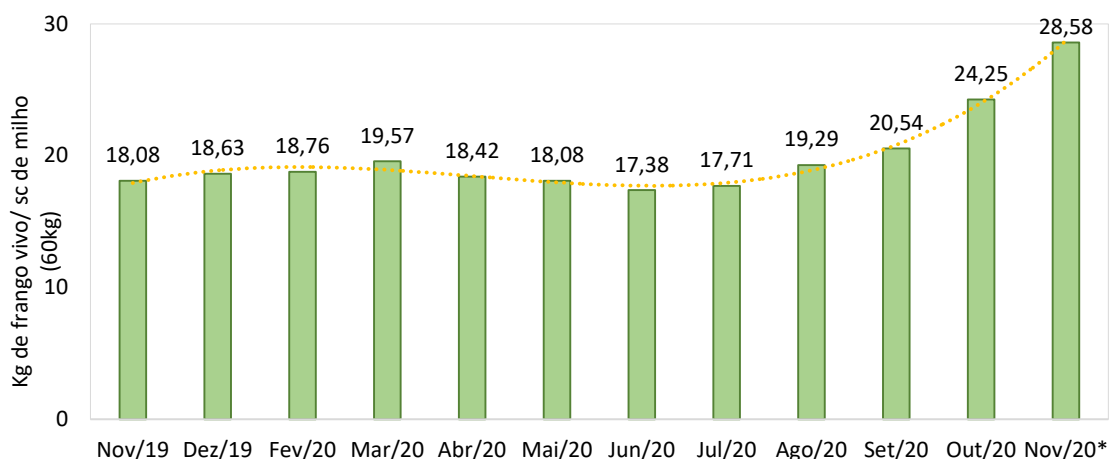


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho

Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2020.

* O valor de novembro é preliminar, relativo ao período de 1 a 16/nov./2020.

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2020.

Algumas entidades têm manifestado preocupação quanto a um possível desabastecimento de milho e soja no mercado interno, principalmente em função da atratividade das exportações, pelos baixos estoques de passagem e frustração de safra em algumas regiões afetadas por estiagens. Além disso, há relatos de produtores que estariam “segurando” produto em seus armazéns, na expectativa de valorizações ainda mais expressivas.

Visando minimizar esse problema, o setor de proteína animal pressionou o governo federal e conseguiu uma suspensão temporária do imposto de importação desses grãos. A suspensão da tarifa para a soja (grão, farelo e óleo) valerá até 15 de janeiro de 2021. Já em relação ao milho, as importações brasileiras sem pagamento de imposto irão até 31 de março de 2021.

Comércio exterior

Em outubro, o Brasil exportou **311,36 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), volume **6,9% abaixo** do mês anterior e **10,1% inferior** a outubro de 2019.

As receitas foram de **US\$437,96 milhões**, queda de **6,7%** em relação a setembro e de **21,7%** na comparação com outubro de 2019.

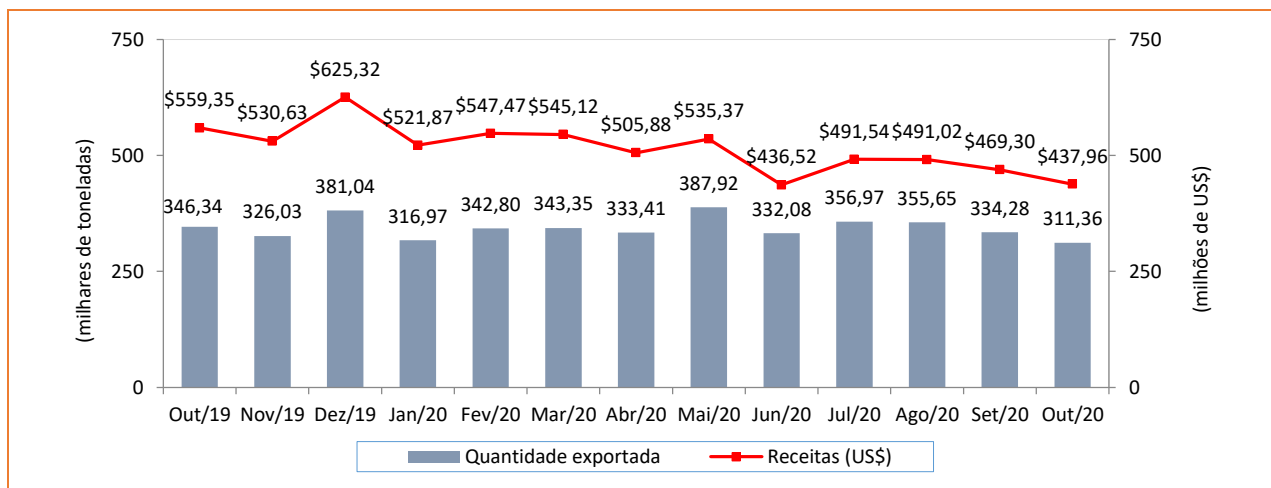


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

De janeiro a outubro, o Brasil exportou **3,41 milhões de toneladas** de carne de frango, com **US\$4,98 bilhões** em receitas. Na comparação com o mesmo período de 2019, registram-se **quedas de 1,5%** na quantidade e de **14,3%** nas receitas. Esse desempenho deve-se, em grande medida, à queda nos embarques para o México (-96,1% em valor e -85,8% em quantidade) e à redução no valor da tonelada de carne de frango no mercado internacional.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango neste ano são China, Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Países Baixos, responsáveis por 54,9% das receitas do período.

Santa Catarina exportou **73,58 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada) em outubro, **queda de 5,3%** em relação ao mês anterior e de **12,3%** na comparação com outubro de 2019.

As receitas foram de **US\$109,31 milhões**, queda de **6,3%** em relação ao mês anterior e de **23,0%** na comparação com outubro de 2019.

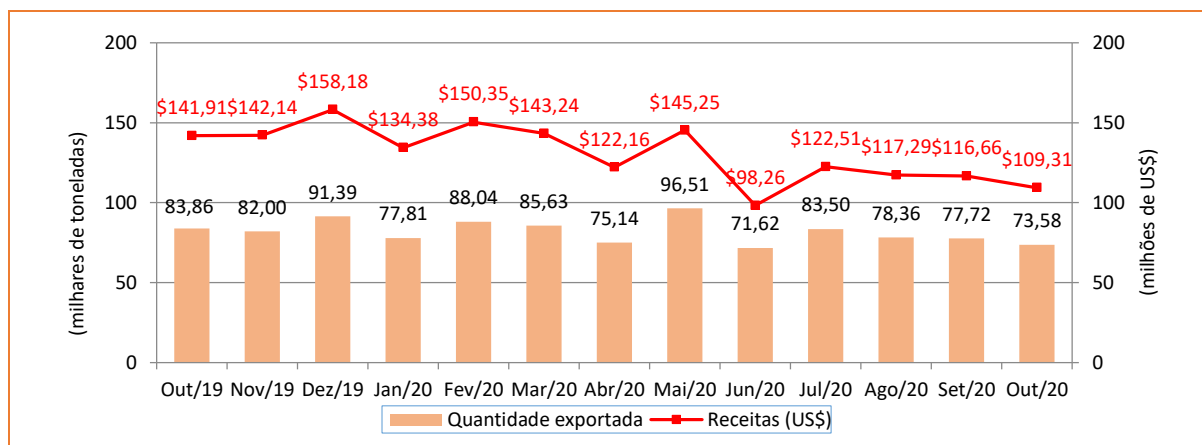


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado em setembro foi de **US\$1.403/tonelada**, queda de **1,6%** em relação ao mês anterior e **14,2% inferior** ao valor de outubro de 2019.

De janeiro a outubro, Santa Catarina exportou **807,91 mil toneladas** de carne de frango, com faturamento de **US\$1,26 bilhão**, quedas de **26,4%** em quantidade e de **34,0%** em valor na comparação com o mesmo período de 2019. O estado foi responsável por **25,3%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango este ano.

A Tabela 1 apresenta os principais destinos do frango catarinense em 2020, os quais responderam por 57,6% do valor e 52,5% da quantidade exportada pelo estado no período.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. a out./2020

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	201.856.122,00	123.280
China	182.150.600,00	101.378
Países Baixos (Holanda)	142.824.621,00	66.536
Arábia Saudita	104.177.804,00	70.997
Emirados Árabes Unidos	94.997.338,00	62.308
Demais países	533.402.711,00	383.408
Total	1.259.409.196,00	807.907

Fonte: Comex Stat, novembro/2020.

Mais uma vez, dentre os dez principais destinos somente o Egito apresentou variação positiva em relação ao mesmo período do ano passado: 36,5% em valor e 30,0% em quantidade. Os Países Baixos registraram aumento de 5,6% na quantidade, mas queda no valor (-2,2%). Os demais apresentaram quedas significativas nos embarques, com destaque para Japão (-33,6% em valor e -22,4% em quantidade), Arábia Saudita (-35,1% e -26,1%) e Emirados Árabes Unidos (-43,3% e -33,4%).

Quando se comparam os embarques de outubro com o mesmo mês de 2019, destaca-se o aumento das exportações para os Países Baixos (77,1% em valor e 53,7% em quantidade). A exemplo do que já havia disso observado em setembro, os Países Baixos foram o principal destino da carne de frango catarinense em outubro. Por outro lado, Japão e China registraram variações fortemente negativas nesse mesmo período: -32,8% e -36,1%, respectivamente, em receitas.

Ainda em relação ao mercado internacional, no início de novembro a Organização Mundial do Comércio (OMC) publicou sua decisão em relação à disputa comercial entre Brasil e Indonésia no Painel de Implementação da OMC, por conta das barreiras tarifárias adotadas pelo país asiático em relação à carne de frango brasileira. O Brasil já havia obtido posicionamento favorável em 2017, mas a Indonésia seguiu impondo barreiras, concluiu o Painel. A decisão deve facilitar o acesso da carne brasileira ao mercado indonésio, composto por mais de 250 milhões de pessoas.

Produção

De acordo com os resultados preliminares da Pesquisa Trimestral do Abate de Abates, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no 3º trimestre de 2020 foram abatidos cerca de 1,5 bilhão de frangos, o que representa um aumento de 1,8% em relação ao mesmo período de 2019 e de 6,2% na comparação com o 2º trimestre deste ano.

O peso das carcaças foi de 3,45 milhões de toneladas, aumento de 0,3% em relação ao 3º trimestre de 2019 e de 7,1% frente ao 2º trimestre de 2020.

Apesar desses resultados positivos, diversos analistas e representantes do setor avaliam que os próximos meses devem registrar redução na produção de frangos, principalmente em razão da elevação dos custos de produção. Segundo a ABPA, já há sinais de ajustes nos alojamentos de pintos de corte, indicador da produção futura de carne de frango, além do descarte de matrizes mais velhas. Alguns especialistas chegam a afirmar que a redução pode ser de até 10% no próximo ano.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas duas primeiras semanas de novembro os preços do boi gordo mantiveram a tendência de alta, que vem sendo observada desde meados deste ano. Em relação ao mês anterior, todos os oito estados analisados no presente boletim apresentaram variação positiva: 9,1% em Mato Grosso, 9,0% em Mato Grosso do Sul, 8,9% em Goiás, 7,9% em São Paulo, 7,9% no Paraná, 6,3% em Minas Gerais, 6,0% em Santa Catarina e 3,7% no Rio Grande do Sul.

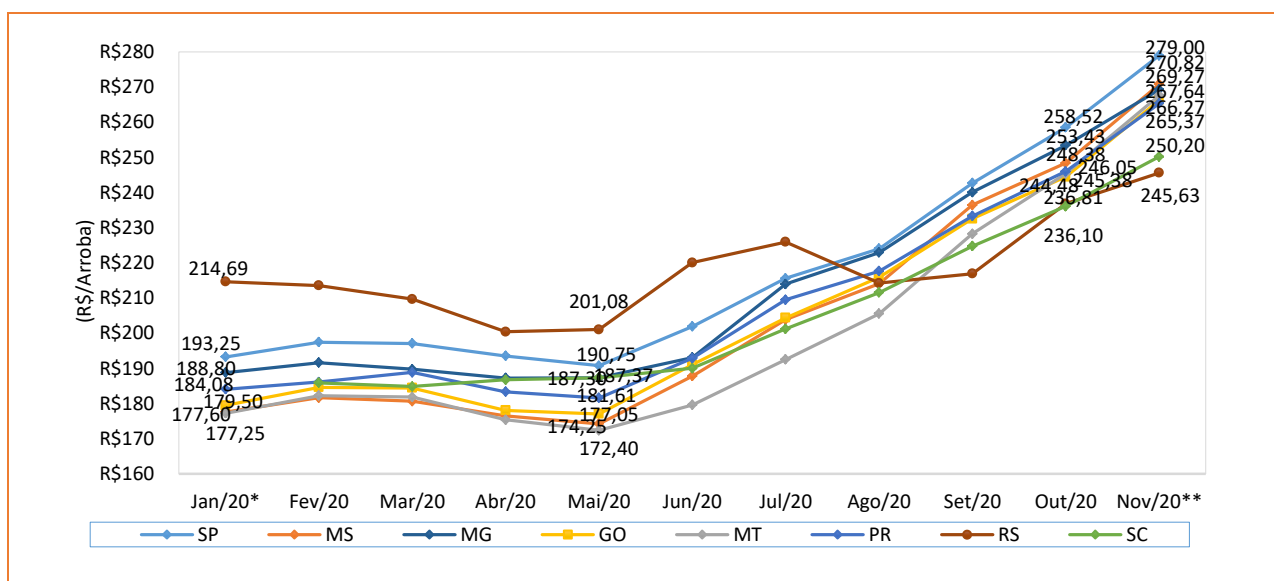


Figura 1. Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços(R\$/arroba)

* Preço de janeiro/2020 não disponível para o estado de Santa Catarina.

** Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/nov./2020.

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾SEAB; ⁽⁴⁾Nespro, novembro/2020

Na comparação com os valores de novembro de 2019, a variação é ainda mais expressiva: 53,6% no Mato Grosso, 53,4% no Mato Grosso do Sul, 49,7% em Goiás, 48,9% em Santa Catarina, 45,9% em Minas Gerais, 43,9% em São Paulo, 43,4% no Paraná e 32,5% no Rio Grande do Sul. Para fins de comparação, nos últimos 12 meses a inflação acumulada foi de **3,9%**, segundo o IPCA/IBGE.

Esse cenário é decorrente, principalmente, do grande volume de exportações de carne bovina, conforme apresentado adiante, e da baixa disponibilidade de animais prontos para abate. Alguns fatores apontados pelos analistas para explicar essa situação são o baixo nascimento de bezerros em 2017/2018 (em função do aumento no abate de fêmeas nos anos anteriores), os efeitos da pandemia de Covid-19 sobre o mercado interno, a elevação dos custos de produção, que desestimularam muitos confinadores, e a estiagem prolongada que afetou a qualidade das pastagens e prejudicou o desenvolvimento dos animais. A perspectiva é que haja um aumento na oferta de bovinos criados a pasto somente a partir do 1º trimestre de 2021.

Em Santa Catarina, foram registradas variações positivas nas duas praças de referência do boi gordo: 10,6% em Chapecó e 2,6% em Lages, na comparação entre o preço preliminar das duas primeiras semanas de novembro e o mês anterior. Em relação a novembro de 2019, as variações são significativas nos dois casos: 62,5% em Chapecó e 42,4% em Lages.

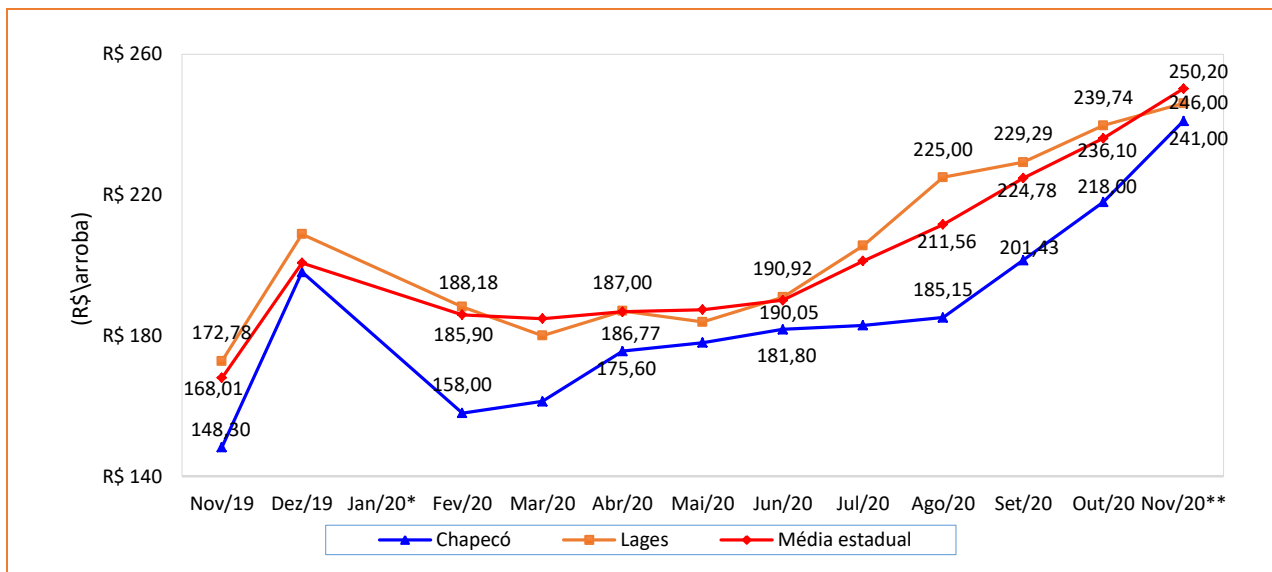


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/nov./2020.

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2020.

Os preços de atacado da carne bovina nas primeiras semanas de novembro apresentaram altas em relação ao mês anterior: 5,6% para a carne bovina de dianteiro e 7,6% para a carne bovina de traseiro. Na média, a variação foi de 6,6%. Essa é a maior variação mensal registrada este ano.

Quando se comparam os valores atuais com aqueles praticados em novembro de 2019, registram-se altas bastante expressivas: 53,8% na carne de dianteiro e 33,2% na carne de traseiro, o que resulta num aumento médio de 43,5%.

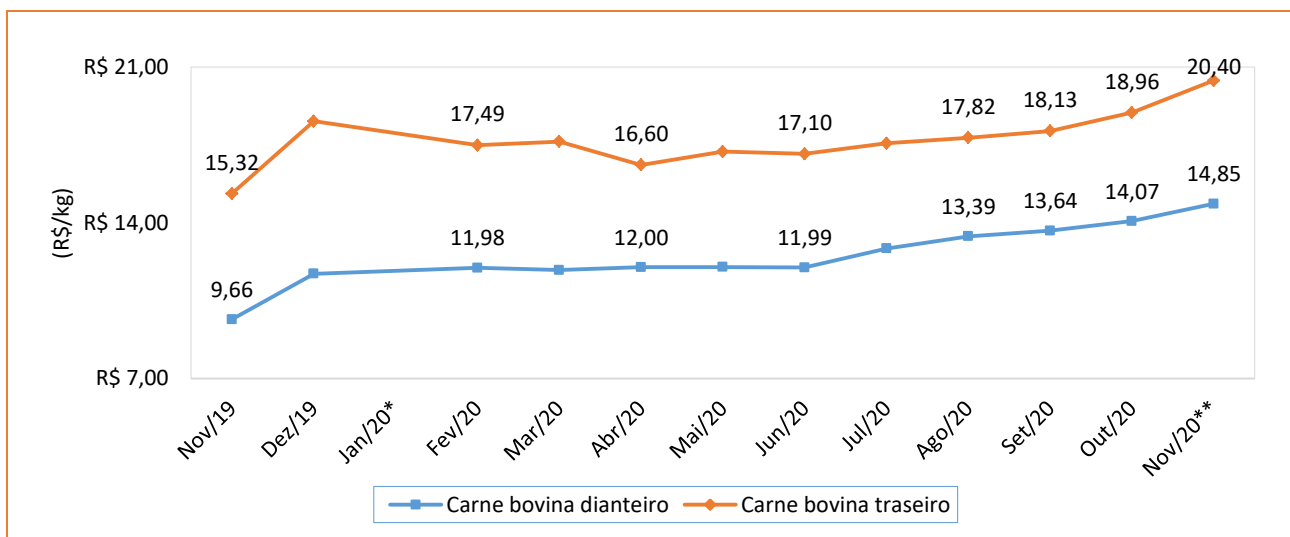


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/nov./2020.

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2020.

A perspectiva é que sejam observados novos aumentos de preço ao longo do último bimestre, já que esse costuma ser o período em que a demanda doméstica registra seu ápice, em função do décimo terceiro salário e das festividades de final de ano. Embora a pandemia possa reduzir a intensidade dessa elevação, não deve suprimi-la por completo.

Custos

Os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina seguem apresentando movimento de alta, tendência observada desde meados de 2019. Nas duas primeiras semanas de novembro ocorreram variações positivas nas duas categorias analisadas, quando comparadas ao mês anterior: 4,9% no preço dos bezerros de até 1 ano e 4,4% no preço dos novilhos de 1 a 2 anos. Considerando-se a média das duas categorias, essa é a maior variação mensal registrada desde dezembro do ano passado. Na comparação com novembro de 2019, as variações são de 40,0% para os bezerros e 34,5% para os novilhos.

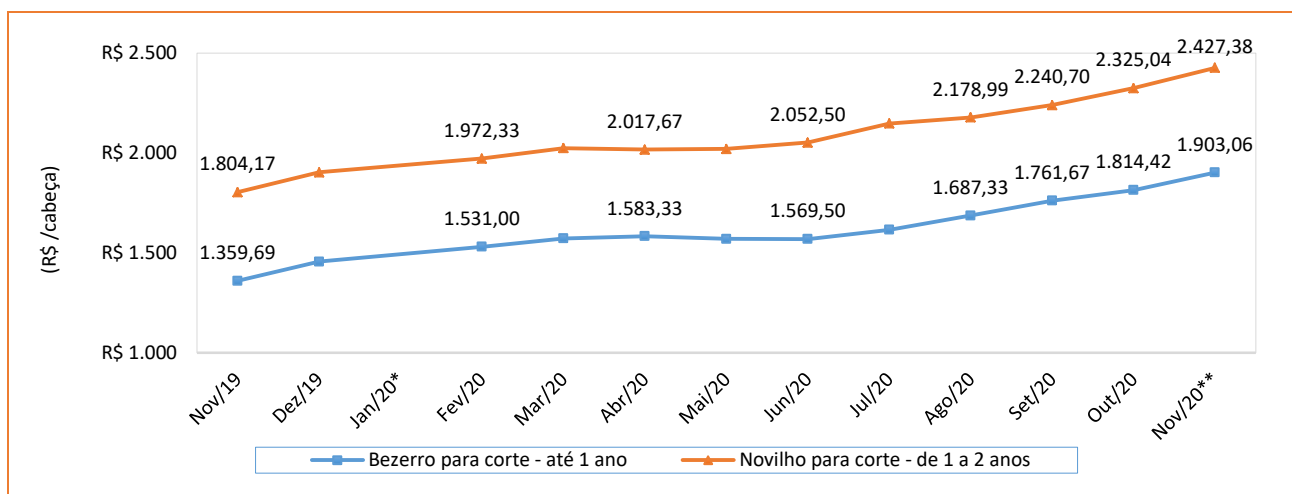


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

* Preços não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/nov./2020.

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2020.

Esse cenário é resultante do desequilíbrio entre a demanda e a oferta, já que os bons preços do boi gordo seguem estimulando a procura por animais jovens. Além disso, o crescimento no abate de fêmeas nos últimos anos, conforme já ressaltado anteriormente, afetou a disponibilidade de bezerros e novilhos.

Comércio exterior

Em outubro, o Brasil exportou **188,90 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), alta de **13,8%** em relação ao mês anterior, mas **queda de 4,3%** na comparação com outubro de 2019. As receitas foram de **US\$789,58 milhões**, alta de **18,2%** em relação ao mês anterior, mas **7,9% menos** que outubro de 2019.

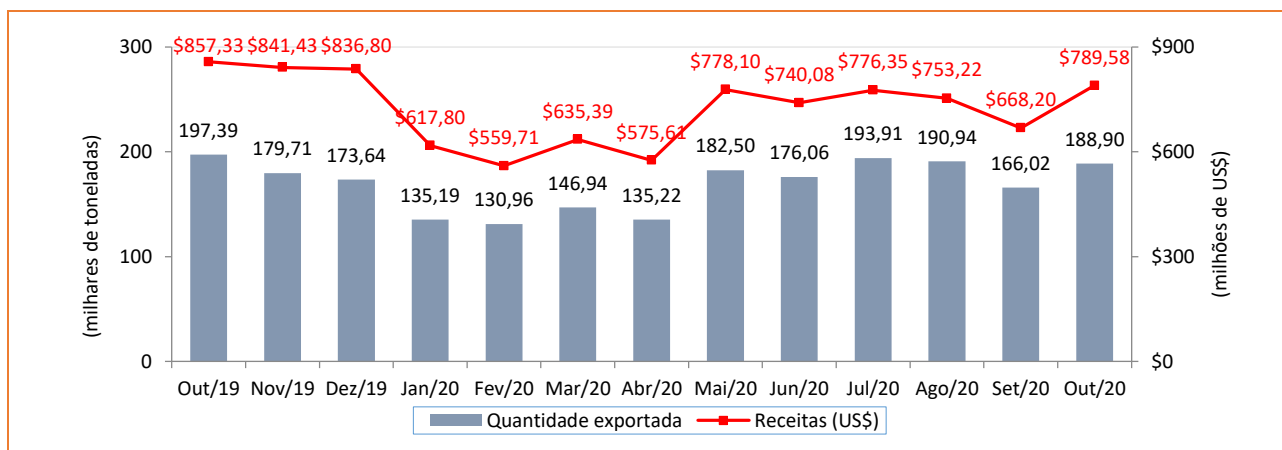


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat, novembro/2020.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada em outubro foi de **US\$4.244/tonelada**, alta de **3,6%** em relação ao mês anterior, mas **queda de 5,0%** na comparação com o mesmo mês de 2019.

De janeiro a outubro, o Brasil exportou **1,65 milhão de toneladas** de carne bovina, com **US\$6,89 bilhões** em receitas, altas de **9,0%** e **15,8%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2019.

China e Hong Kong responderam por 59,6% das receitas brasileiras com exportações desse produto no ano. Na comparação com o mesmo período de 2019, a China ampliou em 87,2% o valor e 106,8% a quantidade de carne bovina importada do Brasil.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **212 toneladas** de carne bovina em outubro, com faturamento de **US\$676 mil**, quedas de 35,4% e de 31,6%, respectivamente, em relação a outubro de 2019.

De janeiro a outubro, o estado exportou **2,64 mil toneladas** de carne bovina, com **US\$8,11 milhões** em receitas, quedas de 19,6% e 14,3%, respectivamente, na comparação com o mesmo período de 2019. Hong Kong é o principal destino, respondendo por 50,5% das receitas.

Produção

De acordo com os dados preliminares da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no 3º trimestre deste ano foram abatidos 7,58 milhões de bovinos, o que representa um aumento de 3,8% em relação ao trimestre anterior, mas queda de 10,8% na comparação com o mesmo período de 2019.

Ainda de acordo com o IBGE, o peso acumulado das carcaças no 3º trimestre foi de 2,02 milhão de toneladas, aumentos de 7,6% em relação ao trimestre anterior, mas queda de 8,0% quando comparado ao mesmo período de 2019.

Coronavírus

Segundo nota divulgada pela Comissão Municipal de Saúde da cidade chinesa de Wuhan, no início de novembro foram registrados resultados positivos em três testes para detecção do novo coronavírus em embalagens de um lote de carne bovina originária do Brasil. De acordo com a nota, o coronavírus teria sido detectado na parte externa das embalagens.

Até o momento não há maiores informações sobre o que foi efetivamente encontrado (vírus ativo ou fragmentos do vírus) e tampouco sobre eventuais sanções a frigoríficos brasileiros.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas duas primeiras semanas de novembro, os preços dos suínos vivos apresentaram variações positivas em todos os principais estados produtores (Figura 1), situação que é observada desde junho passado.

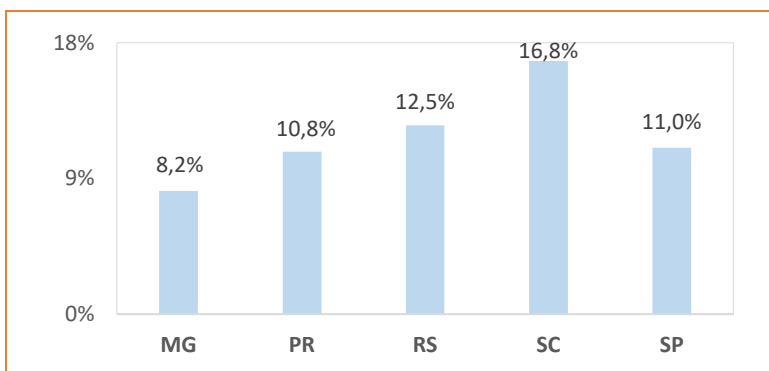


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (outubro/novembro de 2020*)

* Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/nov./2020.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC), novembro/2020.

Esse cenário é decorrente, em grande parte, da elevada demanda internacional, em especial por parte da China. Além disso, em diversos estados a oferta de suínos prontos para abate apresenta-se restrita, pressionando os preços para cima. Se em outubro chegou a se verificar desaceleração na tendência de alta, em novembro, por outro lado, volta se registrar acentuação nesse movimento.

Na comparação entre os preços atuais e aqueles praticados em novembro de

2019, observam-se variações significativas em todos os estados analisados: 80,4% no Rio Grande do Sul, 78,6% no Paraná, 77,1% em São Paulo, 70,8% em Minas Gerais e 63,3% em Santa Catarina. De acordo com o IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de **3,9%**.

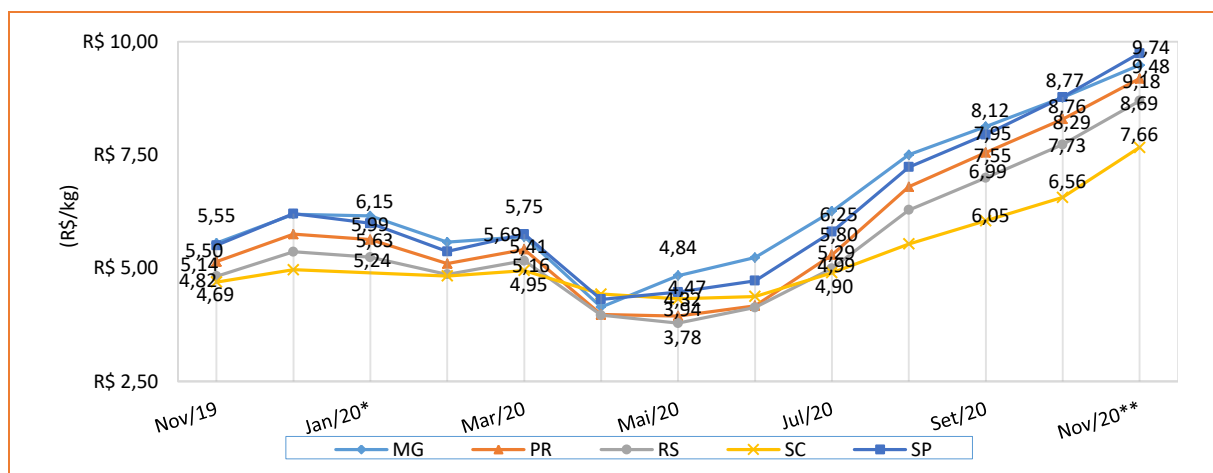


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/nov./2020.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC), novembro/2020.

Em Chapecó, praça de referência para o suíno vivo em Santa Catarina, observaram-se variações bastante expressivas no início de novembro em relação ao mês anterior: 14,1% para produtores independentes e 18,3% para integrados. Na comparação com novembro de 2019, por sua vez, as altas são ainda maiores: 96,0% para os produtores independentes e 52,4% para os integrados.

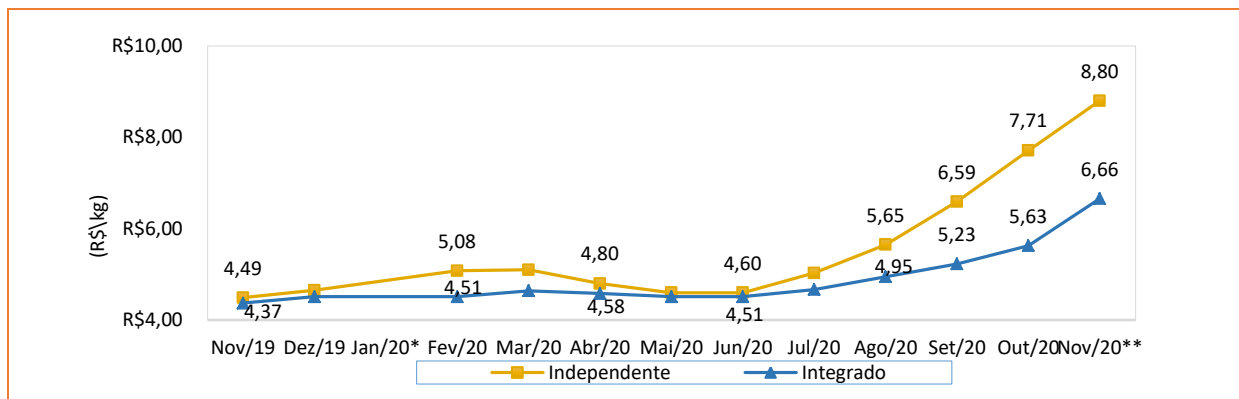


Figura 3. Suíno vivo – Chapecó/SC: preço médio mensal para produtor independente e produtor integrado

** Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/nov./2020.

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2020.

Nas primeiras semanas de novembro, os preços de atacado de todos os cortes de carne suína acompanhados pela Epagri/Cepa registraram altas na comparação com o mês anterior: pernil (18,1%), lombo (17,5%), carcaça (12,5%), carré (10,0%) e costela (6,8%). A variação média dos cinco cortes foi de 12,9%. Essa é a maior variação mensal dos últimos cinco anos.

Quando se comparam os valores preliminares de novembro com os preços praticados no mesmo mês de 2019, verificam-se grandes variações em todos os cortes: carcaça (65,2%), carré (58,8%), pernil (51,2%), lombo (39,9%) e costela (29,3%). Na média, a alta foi de 48,9%.

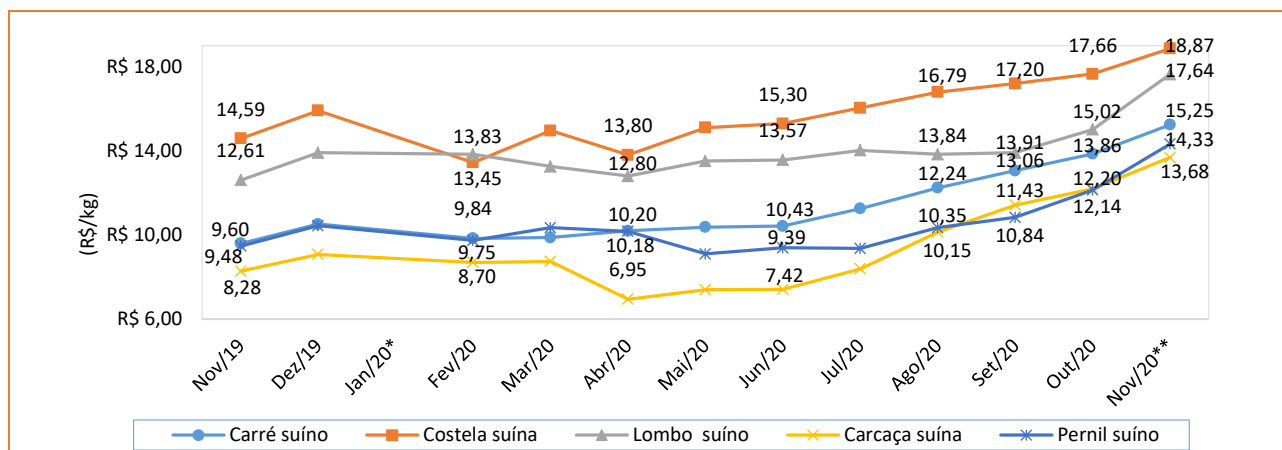


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)

* Preços não disponíveis para o mês de janeiro/2020.

** Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/nov./2020.

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2020.

A perspectiva é que haja um aumento na demanda ao longo do último bimestre, principalmente em função das festividades de final de ano e da entrada do décimo terceiro salário na economia, o que deve favorecer novos reajustes ao longo da cadeia. Além disso, as exportações brasileiras de carne suína apresentam um ótimo ritmo, conforme já mencionado, reduzindo a oferta doméstica.

Custos

Não obstante os preços favoráveis, a maior queixa dos suinocultores é a expressiva alta nos custos de produção, em especial os insumos utilizados na nutrição animal.

De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, o Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno) de outubro registrou alta de 15,0% em relação ao mês anterior. Nos últimos 12 meses, a variação foi de 46,0%, principalmente em função da elevação dos custos com nutrição (40,8%).

Segundo o presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), as altas do milho e da soja não se constituem em fenômeno de curto prazo e devem resultar em um novo patamar de preços das carnes de frango e suína nos próximos anos.

Os preços dos leitões mantêm o forte movimento de alta observado há alguns meses. Nas duas primeiras semanas de novembro, os preços médios preliminares registraram variações positivas de 16,9% para os leitões de 6 a 10kg e de 16,7% para os leitões de aproximadamente 22kg. Essa é a maior variação mensal registrada nos últimos cinco anos. Na comparação com as médias de outubro de 2019, as altas foram de 48,8% e 46,6%, respectivamente.

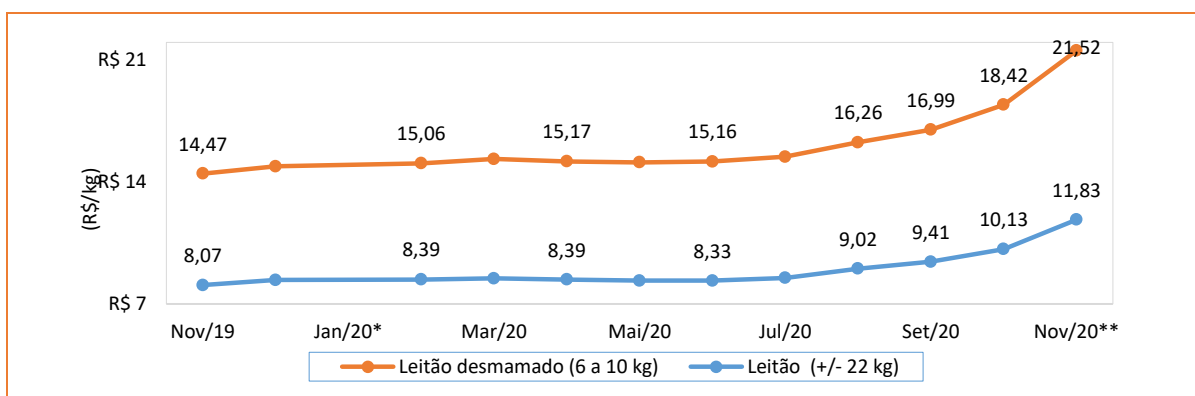


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

* Preços não disponíveis para o mês de janeiro/2020.

** Os valores de novembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 16/nov./2020.

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2020.

A relação de equivalência insumo-produto registra alta de 5,2% na comparação entre o valor preliminar de novembro e o mês anterior. Essa variação deve-se, principalmente, ao aumento de 21,9% no preço de atacado do milho em Chapecó, parcialmente compensado pela elevação na cotação do suíno vivo na mesma praça. Ao longo deste ano, a tendência é de alta. O valor atual é 20,0% superior àquele observado em novembro de 2019.

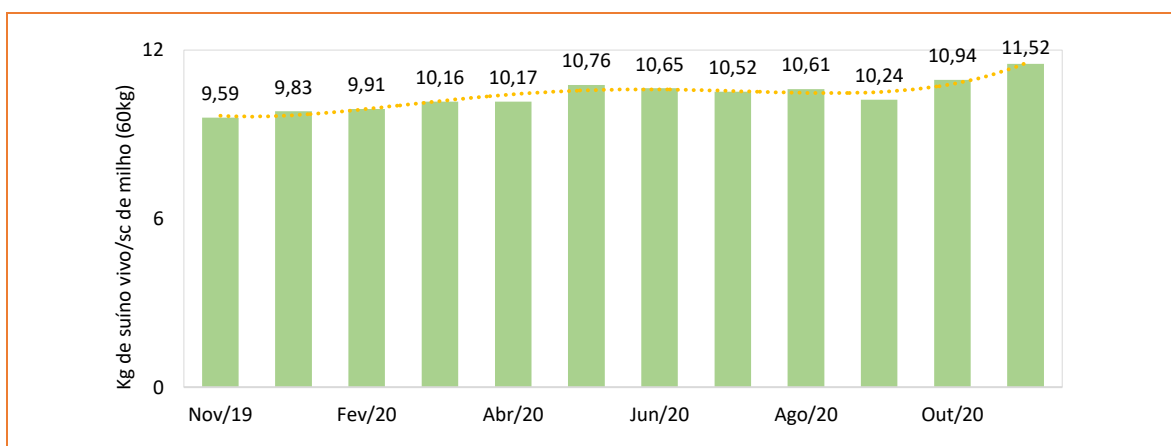


Figura 6. Suíno vivo – Chapecó/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

* O valor de novembro é preliminar, relativo ao período de 1 a 16/nov./2020.

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2020.

Algumas entidades têm manifestado preocupação quanto a um possível desabastecimento de milho e soja no mercado interno, principalmente em função da atratividade das exportações, pelos baixos estoques de passagem e frustração de safra em algumas regiões afetadas por estiagens. Além disso, há relatos de produtores que estariam “segurando” os grãos em seus armazéns, na expectativa de valorizações ainda mais expressivas.

Visando minimizar esse problema, o setor de proteína animal pressionou o governo federal e conseguiu uma suspensão temporária do imposto de importação desses grãos. A suspensão da tarifa para a soja (grão, farelo e óleo) valerá até 15 de janeiro de 2021. Já em relação ao milho, as importações brasileiras sem pagamento de imposto irão até 31 de março de 2021.

Comércio exterior

Em outubro, o Brasil exportou **87,39 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), alta de **2,7%** em relação ao mês anterior e de **21,7%** na comparação com outubro de 2019. As receitas foram de **US\$198,25 milhões**, alta de **5,9%** em relação ao mês anterior e de **24,7%** na comparação com outubro de 2019.

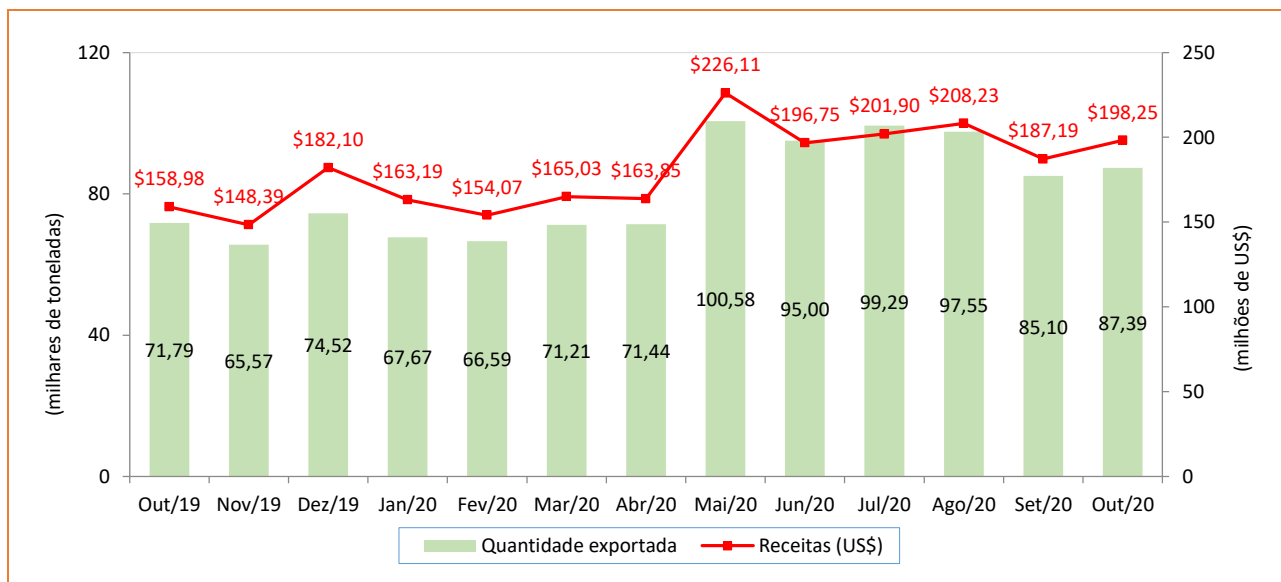


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat, novembro/2020.

De janeiro a outubro, o país exportou **841,82 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$1,86 bilhão**, altas de **39,0%** e **46,9%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2019.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne suína em 2020 são China, Hong Kong, Cingapura, Uruguai e Chile, responsáveis por 83,7% das receitas no período. China e Hong Kong somam 69,3% do total.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **46,41 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em outubro, alta de **7,7%** em relação ao mês anterior e de **36,2%** na comparação com outubro de 2019. As receitas foram de **US\$107,92 milhões**, crescimento de **11,1%** em relação ao mês anterior e de **46,8%** na comparação com outubro de 2019.

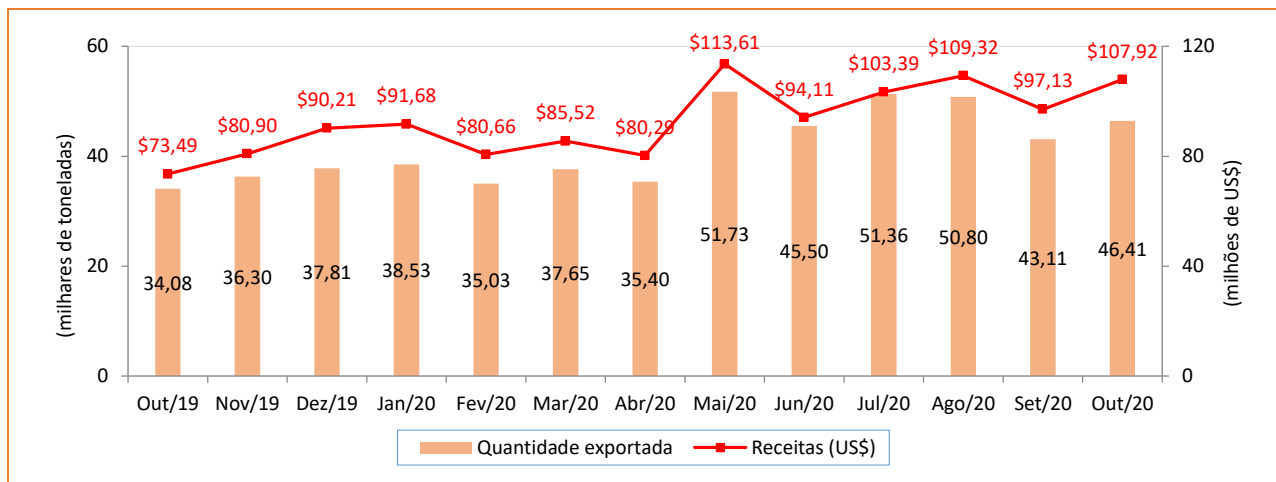


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat, novembro/2020.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em outubro foi de **US\$2.415/tonelada**, alta de **3,6%** em relação ao mês anterior e de **6,9%** na comparação com outubro de 2019.

De janeiro a outubro, o estado exportou **435,52 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$963,63 milhões**, altas de **27,2%** e **38,4%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2019. Com esses resultados, as exportações catarinenses de 2020 já ultrapassaram os valores de todo o ano de 2019, tanto em quantidade quanto em receitas.

Santa Catarina foi responsável por **51,7%** das receitas e do volume de carne suína exportada pelo Brasil este ano.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 82,1% das receitas e 80,6% da quantidade embarcada. China e Hong Kong responderam por 71,1% do valor e 70,2% do volume.

Tabela 1: Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan. a out./2020

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	603.039.215,00	260.782
Hong Kong	81.652.738,00	44.922
Chile	75.528.123,00	33.521
Japão	35.963.792,00	9.483
Estados Unidos	23.093.721,00	6.665
Demais países	144.348.322,00	80.149
Total	963.625.911,00	435.522

Fonte: Comex Stat, novembro/2020.

Dentre os dez principais destinos da suína carne catarinense, sete apresentaram variações positivas nas receitas acumuladas neste ano em relação ao mesmo período de 2019, com destaque para China (90,0%), Japão (129,4%), Estados Unidos (61,1%) e Vietnã (73,8%). Dentre as variações negativas, destacam-se Chile (-7,8%) e Argentina (-31,3%).

Vale mencionar que, apesar do resultado negativo acumulado no ano, em outubro as exportações catarinenses para a Argentina apresentaram seu melhor resultado desde janeiro de 2019.

Produção

De acordo com os dados preliminares da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no 3º trimestre deste ano foram abatidos 12,57 milhões de suínos, o que representa um aumento de 7,0% em relação ao mesmo período de 2019 e de 3,8% na comparação com o 2º trimestre de 2020.

Ainda de acordo com o IBGE, o peso acumulado das carcaças no 3º trimestre foi de 1,16 milhão de toneladas, aumentos de 9,4% em relação ao mesmo período de 2019 e de 4,8% na comparação com o 2º trimestre de 2020.

Conforme relatório divulgado no início de novembro, o Rabobank estima alta de 4,5% na produção de carne suína brasileira em 2020, na comparação com 2019.

Peste suína africana

Como já mencionado nas edições anteriores do Boletim Agropecuário, no início de setembro foi detectado o primeiro caso de peste suína africana (PSA) na Alemanha. Até a finalização desta publicação (16/novembro), já haviam sido registrados mais de uma centena de casos, todos em javalis. No início de novembro, a Alemanha relatou o primeiro caso de PSA fora da região de Brandemburgo, o que indica que doença pode estar se espalhando pelo país. Por enquanto, nenhuma contaminação de suínos domésticos foi observada.

Ainda em relação à PSA, é relevante mencionar que o Escritório Nacional de Estatísticas da China, país que vem sendo afetado pela doença desde agosto de 2018, divulgou relatório apontando que a produção de carne suína nos primeiros nove meses de 2020 caiu 10,8% em relação ao mesmo período do ano anterior, resultado melhor do que projetado inicialmente.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Preços

Na reunião de outubro (dia 23), o Conceleite/SC definiu o preço de referência final para o mês de setembro e projetou o preço de outubro. O valor final de setembro (R\$1,7994/l) ficou pouco menos de 3 centavos abaixo do valor que havia sido projetado na reunião anterior (R\$1,8276/l). Nesse ano de 2020, só o preço final de abril havia ficado abaixo do projetado. Além dessa queda no preço final de setembro, o valor projetado para outubro (R\$1,7419/l) é quase 6 centavos inferior ao valor final de setembro (Tabela 1).

Tabela 1. Leite padrão – Santa Catarina: preços de referência do Conceleite – 2018 a out./2020

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso			Variação (%)	
	2018	2019	2020	2018-19	2019-20
Janeiro	0,9695	1,1659	1,2273	20,3	5,3
Fevereiro	1,0128	1,2309	1,2342	21,5	0,3
Março	1,0857	1,1957	1,2974	10,1	8,5
Abril	1,1295	1,2185	1,3192	7,9	8,3
Mai	1,1522	1,2535	1,3091	8,8	4,4
Junho	1,3454	1,2036	1,5176	-10,5	26,1
Julho	1,4050	1,1560	1,5588	-17,7	34,8
Agosto	1,2997	1,1918	1,7288	-8,3	45,1
Setembro	1,2582	1,1767	1,7994	-6,5	52,9
Outubro	1,2351	1,1516	1,7419	-6,8	51,3
Novembro	1,1358	1,1779		3,7	
Dezembro	1,1228	1,2227		8,9	
Média anual	1,1793	1,1954		1,4	

Outubro/2020: valor projetado.

Fonte: Conceleite/SC, outubro/2020.

A reunião de novembro do Conceleite/SC está marcada para o dia 20. Como possíveis resultados desta reunião, não será surpresa se o preço final de outubro ficar abaixo de R\$1,7419/l, projetado na reunião passada, como também que o preço projetado para novembro seja superior ao preço que será definido como final para outubro. Isso porque no Conceleite o preço de referência é diretamente relacionado aos preços dos lácteos no mercado atacadista, que apresentaram movimentos bem distintos nas últimas semanas: nas duas semanas finais de outubro decresceram em relação aos preços das primeiras semanas e nas semanas iniciais de novembro aumentaram em relação às semanas finais de outubro. Esses movimentos distintos no mercado de lácteos e do leite em outubro e novembro surpreenderam praticamente todos os agentes cadeia láctea. Para boa parte das indústrias de lácteos, o movimento de queda de preços iniciado em outubro seguiria pelos meses seguintes, provocando diferentes procedimentos em relação aos preços que pagaram ou pagarão aos produtores em novembro, com variações importantes e dependentes da indústria, região, data de pagamento aos produtores, entre outros aspectos.

Os levantamentos da Epagri/Cepa sobre os preços recebidos pelos produtores de leite no mês de novembro ainda não estão em andamento em algumas regiões, mas as tabulações preliminares indicam que o preço médio estadual ficará apenas levemente abaixo do preço médio de outubro (Tabela 2). Isso contraria a expectativa de queda mais significativa de preços que se formou a partir da última reunião do Conceleite/SC (23/10) e que perdurou até mesmo nos primeiros dias de novembro. Essa discreta queda no preço médio mais comum das principais regiões produtoras do estado não significa que não haja produtores que receberam valores bem abaixo dos de outubro.

Tabela 2. Leite – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ aos produtores – 2018 a nov./2020

Mês	R\$/l posto na propriedade			Variação (%)	
	2018	2019	2020	2018-19	2019-20
Janeiro	0,94	1,09	1,22	16,0	11,9
Fevereiro	0,94	1,17	1,26	24,5	7,7
Março	0,96	1,25	1,29	30,2	3,2
Abril	1,01	1,27	1,28	25,7	0,8
Mai	1,09	1,32	1,19	21,1	-9,8
Junho	1,14	1,32	1,31	15,8	-0,8
Julho	1,30	1,23	1,50	-5,4	22,0
Agosto	1,35	1,19	1,66	-11,9	39,5
Setembro	1,31	1,21	1,87	-7,6	54,5
Outubro	1,28	1,21	1,95	-5,5	61,2
Novembro	1,24	1,19	1,93 ⁽²⁾	-4,0	62,2
Dezembro	1,11	1,18		6,3	
Média anual	1,14	1,22		7,0	

⁽¹⁾Preço médio mais comum, das principais regiões produtoras, no período de pagamento.

⁽²⁾Média provisória.

Fonte: Epagri/Cepa, novembro/2020.

Produção de leite

Não é simples compreender a dinâmica produtiva e mercadológica de uma cadeia produtiva com informações tão precárias, como é o caso da cadeia láctea brasileira. Mesmo com algumas limitações, a Pesquisa Trimestral do Leite (PTL/IBGE) tem sido fundamental nessa compreensão (Tabela 3).

Tabela 3. Leite cru – Brasil: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas – 2016 a set./20

Mês	Bilhão de litros					Variação %	
	2016	2017	2018	2019	2020	2018-19	2019-20
Janeiro	2,072	2,101	2,161	2,207	2,235	2,1	1,3
Fevereiro	1,892	1,833	1,890	1,933	2,034	2,3	5,2
Março	1,898	1,928	1,968	2,055	2,077	4,4	1,1
Abril	1,749	1,812	1,873	1,911	1,944	2,0	1,7
Mai	1,742	1,907	1,734	1,975	1,912	13,9	-3,2
Junho	1,728	1,929	1,872	1,974	1,903	5,4	-3,6
Julho	1,897	2,058	2,036	2,075	2,088	1,9	0,6
Agosto	1,989	2,118	2,120	2,128	2,147	0,4	0,9
Setembro	1,963	2,103	2,100	2,081	2,127	-0,9	2,2
Até setembro	16,930	17,789	17,754	18,339	18,467	3,3	0,7
Outubro	2,048	2,141	2,222	2,203		-0,9	
Novembro	2,052	2,154	2,210	2,186		-1,1	
Dezembro	2,140	2,250	2,271	2,283		0,5	
Total anual	23,170	24,334	24,457	25,011		2,3	

2020 - Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite, novembro/2020.

Divulgada na semana passada (12/11)¹³, essa pesquisa mostra que a quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas brasileiras no terceiro trimestre de 2020 ficou bem abaixo do que indicadores setoriais parciais indicavam e que de janeiro a setembro deste ano houve crescimento é de apenas 0,7% em relação ao mesmo período de 2019. Esse baixo desempenho da produção nacional ajuda a

¹³ Cerca de um mês após divulgar estes primeiros resultados, o IBGE divulga essa mesma pesquisa com dados das unidades da federação. Não é incomum que nesta oportunidade os dados de âmbito nacional sofram pequenas alterações.

compreender não apenas os elevados níveis de preços que os lácteos e o leite alcançaram neste ano de 2020, mas também essa reversão de tendência de mercado de outubro para novembro.

Balança comercial

No mês de outubro, a exemplo do que se viu em setembro, as importações brasileiras de lácteos voltaram a atingir quantidades que nos últimos anos só foram vistas em alguns meses de 2016 (Tabela 4).

Tabela 4. Importações e exportações brasileiras de lácteos – 2016 a out./2020

Mês	Toneladas									
	Importações					Exportações				
	2016	2017	2018	2019	2020	2016	2017	2018	2019	2020
Janeiro	8.378	18.960	8.366	13.649	10.583	2.296	3.897	2.068	1.614	2.859
Fevereiro	7.523	16.312	10.332	16.046	8.804	6.241	3.594	2.263	2.329	1.786
Março	16.859	15.467	9.029	10.689	9.384	2.470	4.620	2.228	2.897	2.543
Abril	21.185	13.536	11.965	10.864	5.997	2.528	1.609	1.343	1.661	1.812
Mai	25.777	17.700	13.418	13.729	7.523	3.204	2.260	712	1.947	2.346
Junho	25.191	17.338	11.077	10.954	8.421	3.224	3.596	1.042	1.612	2.156
Julho	23.918	16.027	13.848	9.949	12.585	3.731	2.326	1.127	1.799	2.658
Agosto	25.672	13.472	13.266	9.858	17.987	6.023	2.866	2.018	1.893	2.719
Setembro	28.872	10.400	11.863	12.759	22.828	6.911	2.493	2.653	2.035	2.427
Outubro	19.249	8.968	18.471	9.777	22.131	5.306	2.252	1.919	1.959	2.678
Até outubro	202.624	148.180	121.635	118.274	126.243	41.934	29.513	17.373	19.746	23.984
Novembro	20.583	9.093	17.919	10.826	-	6.188	4.336	2.207	2.074	-
Dezembro	19.360	9.057	10.285	10.235	-	4.452	2.191	2.664	1.963	-
Total	242.567	166.330	149.839	139.335	-	52.574	36.040	22.244	23.783	-

Fonte: Comex Stat, novembro/2020.

As expressivas importações desses dois meses, combinadas com o quadro de queda que se desenhava nos preços internos, mobilizaram agentes da cadeia produtiva a demandar medidas restritivas à importação de lácteos pelo governo federal. Mesmo que esse movimento perca força com a recente recuperação dos preços dos lácteos e do leite, não custa lembrar a dificuldade e a pouca eficácia de medidas como estas, na medida em que 93% da quantidade de lácteos importada até outubro deste ano foi proveniente dos países do Mercosul, com os quais o Brasil integra um acordo de décadas, que inviabiliza medidas unilaterais de restrições de importações¹⁴.

¹⁴ Em outubro/novembro de 2017, por essa razão, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) teve que suspender rapidamente medidas unilaterais que havia tomado contra as importações lácteas provenientes do Uruguai.